

A OLIGARQUIA DO BOI NO RIO GRANDE DO SUL

★ A MINORIA DE 300 FAZENDEIROS, ASSOCIADA AOS AMERICANOS DOS FRIGORÍFICOS, CONTROLA A VIDA ECONÔMICA E POLÍTICA DO GRANDE ESTADO SULINO.

★ COM UM REBANHO BOVINO DE NOVE MILHÕES DE CABEÇAS O POVO GAÚCHO É FORÇADO A COMER «CARNE DE POBRE» — PELANCA, TENDÕES, CARNE REFUGADA.

★ TODOS OS FAZENDEIROS DO RIO GRANDE DO SUL REUNIDOS PAGAM MENOS IMPOSTO TERRITORIAL QUE A POPULAÇÃO DE PORTO ALEGRE.

★ DECLARA O PREPOSTO DE GETÚLIO NO INSTITUTO DE CARNES EM DEFESA DA ALTA DO PREÇO DA CARNE: «NUM PAÍS COMO O BRASIL, EM QUE 80% DO POVO É COMPOSTO DE VAGABUNDOS, DEVE SER ATENDIDO EM PRIMEIRO LUGAR O PRODUTOR».



Glória aos Heróis da Insurreição Nacional Libertadora de Novembro de 35

(Leia na 11.a pág. o importante estudo sobre as épicas jornadas de novembro de 1935 que nosso povo comemorará na data histórica de 27 de novembro).



Revolucionários da Escola de Aviação, entre os quais o herói Agilberto Vieira de Azevedo

VOZ OPERÁRIA

N.º 236 ★ Rio de Janeiro, 21/11/1953



O RIO GRANDE MARCHA PARA A CONVENÇÃO PELA EMANCIPAÇÃO NACIONAL

A indústria asfixiada pelo racionamento da Bond and Share, a agricultura esmagada pelo latifúndio e pela pressão dos monopólios imperialistas, os pequenos e médios criadores nas garras dos frigoríficos americanos, a maioria esmagadora da população escorchada pela inaudita e crescente carestia da vida — contra esse estado de coisas, pelo qual a tirania dos Vargas é a principal responsável unem-se as forças progressistas do Rio Grande do Sul.

Texto na 3.ª pág. sob o título «A economia gaúcha sufocada pelo governo americano de Vargas»

RIO GRANDE, TERRA DE PRESTES

(Edição dedicada ao Rio Grande do Sul)

A Política de Paz Da União Soviética

Molotov assinala as questões essenciais de nosso tempo

(Comentário na pág. 4)



MOLOTOV

VOZ dos LEITORES

Rouba os Operários e Ainda os Trata Como Ladrões

Denuncia contra Sales Medeiros S/A — Pelotas

PELOTAS (Do correspondente) — Na Indústria Sales Medeiros S/A, as leis que beneficiam os trabalhadores são sistematicamente desrespeitadas e infringidas os mais elementares preceitos de higiene. As operárias, além de submetidas a uma exploração brutal, são obrigadas a executar trabalhos impróprios e que nada têm a ver com suas funções na firma. São elas que limpam cocheiras dos animais, e até são obrigadas a lavar o luxuoso automóvel do patrão. Tudo isto sob pena de insultos, suspensões e até demissões, sem pagamento de indenização.

Os tubarões da Sales Medeiros S/A são useiros e rezeiros em forçar os operários a assinarem documentos em que desistem de seus direitos. Por exemplo um antigo operário da firma teve que assinar declarações em que desistia do recebimento das férias atrasadas de sete anos. A operária Antonieta, com mais de um ano de serviço foi demitida sem indenização alguma. Antonio Araújo, segundo nos informaram, desempenha ainda as funções de fequista e responsável pelos animais, sem receber qualquer acréscimo sobre seu salário de capacidade.

Roubados no que têm de mais precioso isto é sua energia e sua vida, os operários, são humildemente revestidos à saída com se fossem ladrões. Por outro lado os parentes do chefe retiram



abertamente frutas, conservas etc. quando bem entendem.

Existe na empresa uma fossa que exala constante mau cheiro, mas o Centro de saúde local não toma conhecimento desse perigo para a saúde dos operários e da população, como também não dá bola ao caso do doce de coco com serragem e com a falta de higiene nas cocheiras. Isto é tanto mais grave quando se sabe que vários trabalhadores moram nas cocheiras.

Getúlio Estfomeia os Inativos da V. F. R. G. S.

PELOTAS (Do correspondente) — No mês de maio último o Deputado Coracy Oliveira interpelou o gen. José Diogo Brochado da Rocha em pleno recinto da Assembleia Legislativa, sobre o pagamento dos proventos e diferenças vencimentais dos Inativos da Viação Férrea. Quando, afinal, seriam pagos os proventos e diferenças de vencimentos dos inativos da Viação Férrea? Quando, afinal, seriam pagos esses antigos servidores da Estrada, que esperam desde março de 1952 para receberem o que lhes deve o governo?

A «honra» do figurão

Uma comissão de ferroviários estava presente e aguardava ansiosa a resposta. O sr. Brochado da Rocha, colocado contra a parede, só viu uma escapatória — prometer como de costume. Enfiou o rosto com a mão, atrapalhou-se e respondeu que o pa-

gament, sairia em junho ou julho. O sr. Coracy Oliveira voltando-se para os ferroviários disse que, caso não fossem pagos os inativos até aquela data, ele renunciaria a seu mandato de deputado, pois não poderia servir a um governo mentiroso. Então, repetindo sua promessa, o sr. Brochado da Rocha empenhou sua palavra de honra. No entanto, já estamos em

agosto e o pagamento ainda não saiu. Pode ser que no calendário dos homens do governo ainda não seja esse o mês, pois eles são capazes de criar um calendário especial que ande para trás para pouorem adiar indefinidamente o cumprimento de suas promessas. Mas já vai para três meses que se esgotou o prazo marcado pelo líder petebista e está irremediavelmente comprometida a honra do sr. Brochado da Rocha.

Onde está o dinheiro?

No dia 14 de agosto, o «Diário de Notícias» informou que havia sido enviada vultosa

quantia do governo do Estado para a Diretoria da V. F. R. G. S., para o pagamento dos inativos. Mas se alguém recebeu esse dinheiro, não foram os inativos que até hoje esperam pelo pagamento. No entanto, a lei é clara: este pagamento já devia ter sido efetuado há mais de um ano. Isto demonstra o desprezo absoluto que o governo dos Vargas vota aos trabalhadores. Os inativos percebem vencimentos miseráveis que nem de longe acompanham o custo de vida e quando se lhes concede um aumento o governo não paga.

A velha desculpa

Finalmente o sr. Diretor do Departamento da V.F.R.G.S. declara clinicamente que não há verba para o pagamento. Nem para a construção de escolas há. Nem para pagar o funcionalismo, nem para obras públicas; para nada que seja do interesse do povo. Entretanto, há verbas para as excursões de Pécio Reis. Há para financiar a dispendiosa viagem de Getúlio a Rio Grande, num insulto à memória dos patriotas assassinados pela polícia dos Vargas. Há verbas para sustentar os bandidos policiais, para comprar armamentos, navios de guerra e aviões a jato.

Dal a crescente revolta popular contra esse governo de agentes dos imperialistas norte-americanos que colonizam o país tudo fazem para arrastá-lo para a guerra. Os inativos nada podem esperar do governo senão essa criminosa sonegação de direitos e uma vida cada dia mais sacrificada. O caminho a seguir é o da luta, unidos aos ferroviários e demais trabalhadores.

Na Alpargatas — São Paulo

QUEREM QUE SE PRODUZA EM 6 O QUE ERA FEITO EM 8 HORAS

Como se não bastasse a exploração que sofremos com os baixos salários e a exigência de trabalharmos seis horas dando a mesma produção de quanto trabalhávamos oito, os patrões da Alpargatas aumentaram a perseguição contra nós, colocando espíões em todas as seções. São verdadeiros «cachorros loucos», que andam de seção em seção, fazendo apontamentos de tudo e nos denunciando. Basta que conversemos um minuto, trocando algumas pa-

lavras para que sejamos suspensos do serviço.

Agora estão obrigando as companheiras da fiação a fazerem a limpeza das máquinas. Com isto aumentam a exploração e deixam de pagar limpadores.

Há poucos dias, o mestre da limpeza, sr. João, que nós chamamos de «mosquito elétrico», porque vive correndo atrás das operárias e da seção para o escritório, obrigou uma operária a levantar um cilindro para fazer a limpeza. Mas o cilindro era muito pe-



soado e a operária só pode levantá-lo lentamente. Foi o bastante para o miserável grameças, que a companheira desmaiou, ficando no chão meia hora sem sentidos, não recebendo assistência alguma. Quando a operária foi ao escritório se queixar nem foi atendida.

Esta é a situação na Alpargatas. Mas nós vamos protestar. Não podemos concordar com essa escravização. Exigimos a cessação das perseguições e o pagamento das horas paradas. Nossa comissão sindical está se fortalecendo. (Do correspondente da empresa).

POSTA RESTANTE

SÃO PAULO — Correspondente da «Alpargatas»; a denúncia que nos transmite é muito grave e mostra como os patrões estrangeiros arrancam lucros imensos à custa do nosso povo. Escreva mais, dizendo-nos quais são os salários na empresa, se essas denúncias têm sido debatidas no sindicato e quantas horas paradas vocês perdem e qual a causa das horas paradas. E' o racionamento? Você nos diz que a operária que desmaiou foi pisada pelo sr. João. Pedimos uma informação detalhada sobre esse ato selvagem e outras atrocidades e arbitrariedades cometidas pelos capachos dos patrões estrangeiros.

SÃO LEOPOLDO — Ao correspondente: por obséquio, escreva-nos de novo, esclarecendo melhor a questão dos minutos roubados aos operários do grupo da noite do Lanificio Sul-Riograndense (Lã Sul). O horário corrido, por si só, representa uma exploração mais intensa dos trabalhadores. Sugerimos que faça as contas dos minutos rigorosamente, envie também informações detalhadas sobre os salários, mandando juntas as operações aritméticas que você fez para chegar aos resultados que chegou. Ajude-nos a conhecer perfeitamente a situação dos operários, a melhorar nossos conhecimentos sobre as formas de exploração empregadas pelos velhos exploradores. Escreva detalhadamente, mesmo que a carta fique longa.

SANTO ANDRÉ — Operário Carlos Alberto: o seu interesse pela questão do re-

crutamento de novos militantes para o PCB, justifica as melhores esperanças. Você sugere que se leiam e se debatam em toda parte os Informes de Prestes e de Diógenes Arruda para ampliar a compreensão da necessidade do recrutamento de novos militantes, principalmente nas empresas. Gostariamos de receber de Santo André cartas suas e de outros operários relatando as experiências concretas dos êxitos que, certamente, estão obtendo no cumprimento dessa importante tarefa, para que elas ajudem aos operários de outros setores.

SÃO JERONIMO — Amigo correspondente, responderemos por carta, sua missiva de 10/9/53, por intermédio da Sucursal de Porto Alegre.

SANTA MARIA — Caro correspondente, embora não tenhamos fotografia do martir Antonio Barbosa para enviar imediatamente, já estamos providenciando o envio de uma boa copia, que a VOZ OPERARIA oferece, para ser inaugurada na sede do Grupo Ajudista de que é patrono aquele saudoso jornalista.

ANDRADINA — Caro leitor Isael Soares Fernandes: consideramos sua carta como uma consequência construtiva da crítica à VOZ OPERARIA dirigida por Paulo Ramos e Orgetório Ortigão, que muito nos ajudaram com suas observações. Você está com toda a razão quando rebate a campanha de calúnias e mentiras que o imperialismo leva a cabo através da imprensa de aluguel contra os senti-

mentos patrióticos do nosso povo. Realmente, os lances cheios de heroísmo das lutas de nosso povo, enriquecem a nossa História e a História da Humanidade. Tomamos por isso na melhor conta a sua sugestão de publicação de biografias dos heróis de nossa História, de cujo espírito os comunistas brasileiro são os legítimos herdeiros na sua luta contra o imperialismo ianque e seus sustentáculos internos, os latifundiários e grandes capitalistas representados pelo governo de Vargas. E nesta luta, em que se agiganta a figura de Prestes, muitos comunistas são atriados aos cárceres e muitos já tombarão. O orgulho nacional de nosso povo é justificado por todos esses fatos do passado e do presente, contra os quais se esfacelam as mentiras e calúnias do imperialismo e seus lacaios.

RECEBEMOS

Temos em nosso poder as seguintes cartas: Do correspondente de Pelotas, duas reportagens sobre problemas do campo; de Higinio Cesário Rosa (Barra do Cuieté, Minas Gerais); do leitor Capeletti (São Paulo); de Antonio Pedro (Mossoró, datada de 3/9/53, que chegou atrasada, sobre a Conferência dos Camponezes); de José Xavier, que chegou atrasada; de João Quintino (Florianópolis); de Janile Hadad e Carlos José da Silva (Cornélio Procopio); de Aristóteles Miranda de Melo (Macaé); de Miguel Santos (S. Paulo); de Luiz, artigo sobre o Sesi e a paz social; de José Giri Petrillo, poesia.

MORREU JOSÉ GOMES, MILITANTE DO P. C. B.

ARAGUARI, MINAS GERAIS — novembro — (Do correspondente) — A 2 do corrente faleceu nesta cidade o velho militante do P.C.B. José Gomes, natural do Estado do Rio. Trabalhou no começo do século na demarcação de fronteiras com o gen. Rondon, na demarcação da E. F. Brasil-Bolívia, foi operário na construção da E.F. Madeira-Mamoré, seringueiro na Bolívia e no Acre. Quando ingressou no PCB era assalariado agrícola no Noroeste de S. Paulo, onde era conhecido por Mariano Silva. Participou das grandes lutas que antecederam a Revolução de 35 e por várias vezes conheceu as torturas dos cárceres da reação de Bauri e São Paulo. Derrotada a revolução e desencadeado o terror, sua casa foi atacada a tiros. Conseguindo fugir trabalhou de fazenda em fazenda, chegando a Goiás, onde, de novo, encontrou o Partido. Em Goiânia participou das primeiras lutas do Partido em Goiás, sendo

ali um de seus fundadores. Transferiu-se depois para Goiânia onde trabalhou como jardineiro. Ali, logo que chegou, num 1º de Maio, já com a cabeça branca e o corpo alquebrado, causou admiração e entusiasmo na massa operária. O discurso que proferiu no Sindicato da Construção Civil. Não tardou porem que os sofrimentos por que passou na vida se refletissem em sua saúde. Mesmo assim, preso várias vezes por-tou-se com firmeza e bravura. Jamais se entregou sem resistência. Numa das últimas prisões, espancado, levado arbitrariamente com a companheira para o Manicômio ali ele e ela fizeram, por vários dias, uma greve de fome.

Há pouco mudara-se para esta cidade onde, cercado pela solidariedade dos camaradas, veio a falecer este digno filho de nosso povo o velho Gomes, que aprendeu a ler com o Partido e estudou avidamente até os seus últimos dias.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA
MATRIZ

Av. Rio Branco, 257, 17.
and. sala 1712

SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.

P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527, sala 48.

Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205, Ed. Sael. Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.

Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereço Telefônico da Matriz e das Sucursais:

VOZPERIA

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 60,00
Semestral » 30,00
Trimestral » 15,00
N. avulso » 1,00
N. atrasado » 1,50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

A Economia Gaúcha Sufocada Pelo Governo Americano de Vargas

O governo Vargas-Dorneles arrasta a economia gaúcha para a ruína e condena à miséria e à fome a população do «celeiro do Brasil». Em todos os setores de atividade, a garra do imperialismo, a rapina americana.

O Rio Grande é conhecido como a terra dos grandes rebanhos. Mas a economia dos pequenos criadores, que representam 50% da produção, está sendo sistematicamente arruinada. Os frigoríficos estrangeiros monopolizam o mercado e só compram dos grandes fazendeiros. Os pequenos e médios fazendeiros só podem colocar o seu gado por meio dos latifundiários. Além disso, estão sujeitos aos arrendamentos escorchantes com que se locupletam Getúlio Vargas, Jango Goulart, Marcial Terra, Oscar Fontoura e outros iguais.

Desastrosa é a situação a que está jogada a agricultura. O crédito fornecido pelo Banco do Brasil é feito sob a condição dos beneficiários possuírem bens imóveis, isto é, a terra. Mas, como a terra está concentrada nas mãos dos latifundiários só estes recebem os créditos governamentais. A lavoura rizícola, por exemplo, está a cargo dos pequenos lavoureiros numa proporção de 60% da produção. Os pequenos produtores são explorados brutalmente nos arrendamentos, na «meia» e na «terça» e estão coagidos a abandonar as lavouras.

A cultura do trigo está sob o controle do truste imperialista Bung & Born, que monopoliza o mercado interno. Na safra de 1952, milhares de colonos de Erechim, Cruz Alta e demais zonas tritícolas não puderam vender o produto, pois os preços oferecidos pelos moinhos estavam muito abaixo das despesas feitas na produção. Milhares de sacos de trigo apodreceram, pois os plantadores não dispõem de silos para depositar o grão colhido.

No que tange à indústria, a situação é calamitosa. Impera o racionamento com os cortes de circuito determinados pelos interesses da Bond and Share, representada pela sua subsidiária CEERG (Companhia de Energia Elétrica Rio-Grandense).

O submisso governo de Ernesto Dorneles entrega aos imperialistas lanques a energia produzida pela Usina de Emergência

de propriedade do Estado. Essa, construída no governo Jobim, produz 7.500 quilowatts diários. Sob o pretexto de que a rede de distribuição pertence à CEERG, Dorneles entrega-lhe a força produzida a 0,77. Sem nenhuma despesa, o truste revende o quilowatt a 1,40. Acresce ainda outro fato mais grave: existe uma sobre-taxa do carvão cobrada pelo governo a título de «proteção» à indústria carbonífera. Essa sobre-taxa de 0,40 é incluída no preço do quilowatt produzido com o consumo de carvão mineral e cobrada pela CEERG. O truste tem o compromisso contratual de só consumir carvão. Na realidade, a companhia americana viola o contrato e queima óleo-diesel; rouba o consumidor duas vezes — cobra a sobre-taxa como se queimasse carvão, cobra a sobre-taxa pela energia da Usina de Emergência.

De outro lado, a importação de maquinaria indispensável é praticamente impossível, pois é claro que os americanos não têm o menor interesse no desenvolvimento da nossa indústria. Esta situação faz sentir a necessidade imediata do reatamento de relações com a União Soviética. Neste sentido manifestaram-se a maioria da Assembleia Legislativa e da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, além de inúmeras câmaras municipais do interior como as de Santa Maria e Pelotas. Da mesma forma se manifestaram os srs. Afonso Paula Feijó, presidente da Associação Comercial de Porto Alegre, Wilson Maisonave, presidente da Bolsa de Fundos Públicos, Joaquim Bergman, consultor jurídico do Comércio Lojista de Porto Alegre e firmas como a Panambra Importadora e Vieccines & Cia.

Crescem em todos os setores as manifestações de apoio à Convenção Pela Emancipação Nacional. A unidade de todas as classes e camadas da população oprimidas e exploradas pelo domínio imperialista e pelo latifúndio é grandemente impulsionada pelos preparativos da Convenção. No Rio Grande do Sul, como em todo o Brasil, os brasileiros se convencem pela dura experiência da vida que sem libertar o país do jugo do dólar, não é possível o progresso, o bem-estar, um nível de vida digno e humano para o povo.

RIO GRANDE, Terra de Prestes

FOI em 1924 que Prestes começou a brilhar como esperança. Velhos lutadores, sobreviventes dos combates de 1893 e dos choques posteriores, recordando o sangue vertido nas co-

to antioligárquico de São Paulo, iniciando a marcha da «Coluna Invicta».

O nome de Prestes correu de boca em boca por todo o Rio Grande, sua terra natal, e espalhou-se por to-

soviético local, foram passados sumariamente pelas armas, por ordem expressa e direta de Osvaldo Aranha.

Em 1931, no Manifesto de Maio, Prestes pôs-se definitivamente a serviço do proletariado, desfez os ídolos pequeno-burgueses, e apontou o caminho definitivo:

«A todos, pois, que me interrogam sobre as críticas ao «prestismo», a todos revolucionários sinceros e honestos, à massa trabalhadora que, nesse instante de desilusão e desespero se volta para mim, só posso indicar um caminho — a Revolução Agrária e Anti-imperialista, sob a hegemonia incontrastável do partido do proletariado, o Partido Comunista do Brasil, Seção Brasileira da Internacional Comunista».

Desde 1924, o grande filho do Rio Grande, o maior brasileiro de todos os tempos não regressara publicamente à sua terra natal. Só pôde fazê-lo muito mais tarde, em 1946, quando longos anos de estudos teóricos e prática revolucionária, marcados com o exílio e o encarceramento político haviam-no forjado como o grande e provado dirigente do Partido Comunista, o único partido nacional, o único partido democrático, o único partido do proletariado e das camadas oprimidas.

Multidões incalculáveis acorreram de todo o Estado para ouvi-lo nos grandiosos comícios. Não as animava a simples esperança de vinte e dois anos atrás; Prestes tornara-se a certeza da vitória.

Sob a direção do Partido, sob o comando de Prestes, o povo do Rio Grande prosseguiu em novos e agueridos combates. Nos campos e nas minas, nas fábricas e nas ferrovias, em toda a parte do Estado, desenvolveu-se em todo o Brasil uma fase nova. O Partido e Prestes educam nossa gente. Encerraram-se as possibilidades das lutas caudillescas no estilo de 30. Dividiram-se os campos entre a maioria esmagadora de nosso povo e a minoria voraz de latifundiários e grandes capitalistas que o exploram de parceria com os trustes estrangeiros.

«Saibamos, pois — recomenda Prestes — unir e organizar as imensas forças sociais que em nosso país podem participar da luta contra o opressor estrangeiro e que se estendem desde os operários e camponeses até a burguesia nacional, incluindo todas as forças democráticas patrióticas e progressistas da nação».

Prestes dirige nossas lutas. Sob sua bandeira alinham-se os melhores filhos do Rio Grande, irmanados com os patriotas de todo o Brasil.

Agora, quando os generais fascistas, mancomunados com a justiça dos traidores pretendem executar a prisão preventiva do «Cavaleiro da Esperança», o povo gaúcho intensifica suas lutas e estreita as fileiras em torno de seu grande filho, seu dirigente querido, que o conduz à vitória e à grande festa da libertação.



xilhas e sempre traído nas acomodações entre os grandes proprietários, murmuravam: «Esta vez não há de ser assim; agora, o comandante não é dono de terras...» Os jovens entusiasmavam-se pelo moço capitão de olhar penetrante que, em Santo Angelo, erguera sua tropa em apoio do movimen-

to do Brasil, à medida que ele rompia os cercos, reduzia a pó a ciência militar dos opressores e despertava nas massas o ardor de lutar por melhores dias.

Desde essa época, Luiz Carlos Prestes é o herói de nosso povo, o «Cavaleiro da Esperança» de toda nossa pátria. Cantam-no em versos os trovadores e, nas cidades, na região serrana, nas missões e nas fronteiras distantes lembra-no sempre as conversas do povo.

Entretanto os políticos venais e os militares aventureiros preparam a macabra aventura de 1930, Prestes, a quem oferecem o comando do movimento e a chefia futura do governo, procurava o Partido verdadeiramente revolucionário, negava-se ao papel de caudilho e apontava no Manifesto de Maio alguns dos pontos fundamentais da revolução brasileira:

«Não nos enganemos. Somos governados por uma minoria que, proprietária das terras, das fazendas e latifúndios e senhora dos meios de produção e apoiada nos imperialismos estrangeiros que nos exploram e nos dividem, só será dominada por uma verdadeira insurreição generalizada, pelo levantamento consciente das mais vastas massas de nossas populações dos sertões e das cidades. Contra as duas vigas mestras que sustentam economicamente os atuais oligarcas precisamos, pois, ser dirigidos nossos golpes — a grande propriedade territorial e o imperialismo anglo-americano».

Naquele momento, não pôde ser ouvido pelo povo. Utilizando seu nome, os Getúlios e Aranhas, os Távoras e Cordeiros de Farias serviram-se das massas e entronezaram a nova dominação. Os valentes gaúchos de Itaquí, que se ergueram num

EDITORIAL

Levemos à Prática as Resoluções do III Congresso Sindical Mundial

Divulgar o mais amplamente possível e levar à prática as resoluções do memorável III Congresso Sindical Mundial — eis a grande tarefa que se coloca, neste instante, ante o movimento sindical em nosso país. As resoluções do Congresso constituem um amplo e combativo programa de luta, que reflete com fidelidade os anseios e as aspirações de centenas de milhões de trabalhadores do mundo inteiro. O proletariado brasileiro encontra nessas resoluções um poderoso instrumento, que saberá utilizar a fim de conduzir para diante a sua corajosa luta contra a fome e a exploração, em defesa da paz, das liberdades e da independência nacional.

Assinalando que se intensificam a exploração e a opressão contra a classe operária nos países onde domina o capital, as resoluções do III Congresso Sindical Mundial indicam aos trabalhadores um programa concreto de luta pelo aumento de salários, contra a carestia da vida e pela redução dos preços, contra o desemprego, por salário igual para trabalho igual e pelo desenvolvimento de um amplo sistema de seguros e de assistência social. Lutando pela vitória deste programa de reivindicações fundamentais, ao qual acrescentarão as reivindicações específicas de cada setor de atividade, os trabalhadores brasileiros elevarão a um nível ainda mais alto as lutas que vêm desenvolvendo vitoriosamente contra os seus exploradores.

Considerando que o aumento da exploração da classe operária é acompanhado por uma ofensiva encarniçada contra os direitos democráticos do proletariado, o Congresso indicou a necessidade de uma luta vigorosa contra todas as formas de reação, sobretudo em defesa dos direitos sindicais. Resolveu que as comemorações do 1.º de maio do próximo ano se realizem fundamentalmente sob a bandeira da luta pelas liberdades. A defesa da causa da paz e da independência nacional foi apontada pelo Congresso como uma tarefa sagrada de todos os trabalhadores. É necessário incorporar ao movimento pela paz setores cada vez mais vastos da classe operária, pois disso depende, antes de tudo, o caráter combativo e o grau de organização desse movimento. O Congresso concitou os trabalhadores de todo o mundo a exigirem a solução pacífica dos problemas internacionais em letigo e resolveu celebrar, a 19 de dezembro vindouro, a Jornada pela cessação da «guerra imunda» contra o povo de Viet-Nam. O Congresso proclamou ainda a necessidade de ser redobrada a luta, nos países coloniais e dependentes,

contra o jugo imperialista, que sufoca o progresso econômico e social dos povos desses países. Em relação à nossa Pátria isso significa, antes de tudo, que é preciso ser travada atualmente uma luta tenaz em defesa da indústria nacional e contra a proibição do comércio com a U.R.S.S. e demais países do campo do socialismo.

As resoluções do Congresso estabelecem que uma das tarefas fundamentais dos sindicatos nos países coloniais e dependentes consiste em estabelecer vínculos fraternais com as massas camponesas e suas organizações, ajudando-as em sua luta contra a brutal exploração semi-feudal e contra a usurpação de suas terras pelos latifundiários. A experiência recente da Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, realizada graças à ajuda fraternal dos sindicatos operários aos trabalhadores do campo, comprova o acerto da resolução do Congresso e confirma que é este precisamente o caminho para a construção da aliança operário-camponesa, em nosso país.

O III Congresso Sindical Mundial representa a mais pujante demonstração do poderio da classe operária. Isso exaspera os inimigos do proletariado, que tudo fazem para cindir os trabalhadores e assim, enfraquecê-los. Portanto, hoje mais do que nunca, deve constituir a preocupação central das organizações e dos militantes sindicais o reforçamento incessante da unidade de ação de todos os trabalhadores. A unidade de ação é o instrumento principal para tornar vitorioso o programa traçado pelo Congresso, para serem alcançados os direitos e reivindicações da classe operária. A realização e o reforçamento da unidade de ação exigem que se fortaleçam e democratizem os sindicatos, com o ingresso em massa dos trabalhadores, que se organize o proletariado em Conselhos Sindicais nos seus próprios locais de trabalho, que se elaborem e executem programas de luta claros e precisos e que se apliquem realmente os compromissos assumidos. A unidade de ação da classe operária em nosso país deve se desenvolver em torno do fortalecimento crescente da CTB, assim como do apoio à CTAL e à FSM.

Enfim, é um dever supremo das organizações e militantes sindicais não poupar esforços para levar ao coração e à consciência de todos os trabalhadores as resoluções do memorável III Congresso Sindical, organizado incansavelmente a sua aplicação prática.

Molotov Expõe a Política de Paz da URSS

O PROBLEMA FUNDAMENTAL É ALIVIAR A TENSÃO MUNDIAL; O MAIS PREMENTE A REDUÇÃO DOS ARMAMENTOS E A SUSPENSÃO DA CORRIDA ARMAMENTISTA

A ENTREVISTA coletiva concedida por Molotov Ministro do Exterior da URSS, aos jornalistas soviéticos e correspondentes estrangeiros em Moscou, é um documento da maior importância pela força com que rompe os fios da teia de mentiras construídas pela propaganda imperialista, e, principalmente, pelas amplas perspectivas que abre no sentido da obtenção de alívio da tensão internacional e da consolidação da paz em todo o mundo.

Como sempre fazem os dirigentes soviéticos, Molotov usou uma linguagem simples e franca, acessível a qualquer homem do povo, sem os torneios obscuros das notas diplomáticas e dos discursos dos líderes imperialistas.

Fortalecimento da Paz e Segurança

A linguagem dos homens soviéticos pode ser simples, porque verdadeira, porque responde aos anseios das massas populares de todo o globo inclusive dos países capitalistas. A questão principal, diz ele, «é a da pacificação internacional, a do for-

talecimento da paz e da segurança, questão que retém a atenção dos milhões e milhões de homens, e a URSS insiste na necessidade de um tal exame».

Essas palavras refletem o pensamento de todas as pessoas simples temerosas diante da ameaça uma nova guerra mundial.

A política de paz da URSS é constante e inalterável. O

que propõe ela? Propõe: 1) discutir com a participação dos Ministros das Relações Exteriores dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, União Soviética e República Popular Chinesa as medidas próprias para tornar menos forte a tensão internacional; 2) examinar com a participação dos Ministros das Relações Exteriores dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética o problema alemão e as questões conexas com a garantia da segurança na Europa.

Os direitos da China

As potências ocidentais, como se sabe, responderam à nota soviética com evasivas e mentiras desmoralizadoras. Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França insistem em sua política de recusar voz ao grande povo chinês nos conselhos internacionais, embora seja de todo o claro que não é possível qualquer entendimento internacional válido e duradouro, em plano mundial, sem a anuência e a concordância da grande nação chinesa que representa um quadro da população da humanidade.

Precisamente por isso é que a Organização das Nações Unidas baseou-se na regra de unanimidade entre as grandes potências, comumente chamada direito de veto, que foi proposta pelo falecido presidente Roosevelt, na Conferência de Ialta. As tentativas de afastar a China da solução dos grandes problemas internacionais estão destinadas ao fracasso, assim como ao fracasso foram votadas, no passado, os intentos de afastar a URSS da vida internacional. Todavia, assim como no passado aquelas tentativas ajudaram a formar o clima da segunda guerra mundial, as atuais conspirações anti-chinesas só podem aplinar o caminho pelo qual os incendiários pre-

tendem levar a humanidade ao charco de uma terceira guerra mundial.

O Pacto do Atlântico

Na realidade, desde o dia seguinte ao término da última guerra, as potências imperialistas, capitaneadas pelos Estados Unidos, restauraram a política anti-soviética e prepararam uma nova agressão à URSS e às democracias populares. Por que assim agem? Porque a União Soviética exige o respeito aos direitos dos povos e defende a igualdade entre as nações. Durante a guerra, premidos pelo perigo, os Estados Unidos, a Inglaterra e a França fingiram aceitar esses princípios que violaram no dia seguinte ao da vitória.

Falam em entendimento, mas espalham em redor da URSS uma rede de bases militares, aéreas e navais destinadas à agressão; transportam para a Europa batalhões atômicos e acumulam estoques de armas de extermínio; insuflam o militarismo alemão e o espírito de revanche dos líderes nazistas e amarram os demais países ao agressivo Pacto do Atlântico.

O Problema Alemão

Os governantes dos EE. UU., Grã-Bretanha e França dizem-se dispostos a solucionar o problema alemão e convidam a URSS a participar das negociações, supostamente destinadas a isso. Mas quem pode falar em solucionar a questão alemã, na base do rompimento de todos os acordos anteriormente feitos sobre o assunto, principalmente os de Ialta, Moscou e Potsdam? As potências imperialistas impuseram ao povo da Alemanha os acordos escravizadores de Bonn e de Paris, que permitem a ocupação da Alemanha por um período de cinquenta anos, impedem a unificação da Alemanha e constituem uma ameaça direta a todos os Es-



Vyacheslav Molotov, Ministro das Relações Exteriores da URSS

tados vizinhos da Alemanha. «É evidente — ressaltou Molotov — que a política de restabelecimento do militarismo alemão e o desejo de integrar a Alemanha Ocidental no grupo agressivo do bloco do Atlântico Norte constituem uma ameaça direta à segurança dos povos da França, da Polônia, da Bélgica, da Tchecoslováquia, da Dinamarca, da Holanda e dos outros países da Europa e priva esses povos da confiança em seu futuro porque, nessas condições, é impossível ter segurança».

A Posição da URSS

A União Soviética continua disposta a discutir o problema alemão. Mais do que isso: insiste há anos pela solução desse problema, na base do respeito aos direitos do povo alemão e do cumprimento dos acordos anteriores.

Suas propostas permanecem de pé. A reunião de uma Conferência de Ministros das quatro potências para discutir esse assunto está na dependência direta de sua aceitação por parte das potências capitalistas, que insistem em impor condições prévias à URSS, contra os interesses de todos os povos. Não é para outra coisa, por exemplo, que vão reunir-se nas Bermudas numa conspiração contra a paz.

A entrevista de Molotov, que é uma exposição clara e simples da política soviética, que abre o caminho à diminuição da crise nas relações entre os Estados, e recorda aos povos que não há problemas mais importantes e mais prementes para os povos do mundo inteiro que a redução dos armamentos, de que a supressão da corrida armamentista e a proibição das armas atômicas e bacteriológicas.

O imperialismo processa Mossadegh

Primeiro ministro legal do Irã, deposto por um golpe imperialista norte-americano, Mossadegh comparece agora perante um tribunal militar, acusado de 17 crimes de alta traição.

Quem os julga? Os mesmos instrumentos da quartelada de Zahedi, as altas patentes do exército persa que mantêm o regime feudal e a dominação dos capitalistas anglo-norte-americanos.

«MALDIÇÃO AOS QUE PESAM COM MEDIDAS FALSAS!» proclamou o Corão, que é o livro santo de todo muçulmano. Todavia, os juizes não estão interessados nos versículos de Maomé. Pesam com os pesos estrangeiros, com os países anglo-saxões.

Mossadegh está ameaçado de morte porque ousou combater certos aspectos da exploração exercida pela Anglo-Iranian Oil Company. Agiu sempre com vacilações, buscando um arranjo que satisfizesse aos elementos conciliadores e afastasse o povo do seu verdadeiro caminho. O Partido Tudeh, vanguarda dos trabalhadores iranianos, foi sempre conservado por ele na ilegalidade durante seu governo. Quando, pressionado pelas massas, foi obrigado a dar alguns passos mais importantes encontrou a mais obstinada resistência dos senhores feudais e da camarilha do exército, dirigidos pelas

embaixadas dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Sempre vacilante, deveu sua própria queda ao temor do povo única força capaz de impedir a realização do golpe, articulando com a conivência do Xá.

Na realidade, porém, o processo Mossadegh é uma farsa ignobil, dirigida contra o povo iraniano que se pretende atemorizar em vão. «Estou aqui pela intervenção de uma potência estrangeira!», afirmou ele e sua primeira audiência. Essa foi uma atitude digna. Em seguida pulverizou a organização do tribunal, provou a ilegalidade de seu julgamento e a usurpação do governo pelos traidores. Fugindo à fixação dessas verdades a imprensa assoldada pelos trustes procura caricaturar seus protestos focalizando a dramatização da defesa, para atenuar o peso das acusações irresponsáveis.

As manifestações de massa, cruelmente reprimidas nas ruas de Teerã, demonstram que os partidários do Xá americano não conseguiram liquidar a luta do povo por sua independência. Ela prossegue, dirigida pelos comunistas, apesar dos fuzilamentos e das prisões em massa. E não há dúvida de que derrotará finalmente, os «salvadores» do tipo de Zahedi, que repetem no Irã a comédia iniciada por Naguib, no Egito.



A "CAÇADA ÀS FEITICEIRAS" EM WASHINGTON

O «caso White» agita intensamente a política americana. Como se sabe, o ex-presidente Truman foi acusado de facilitar o que os policiais do F.B.I. classificam de «infiltração comunista». Harry White foi diretor-executivo do Fundo Monetário Internacional e secretário-assistente do Departamento do Tesouro. Segundo o procurador Brownell e outros inquisidores, Truman conservou-o no cargo mesmo depois de ter recebido informações sobre suas pretensas inclinações «vermelhas».

Ganha assim o climax a «caçada às feiticeiras» que se desenvolve em Washington desde que se abandonou a política de cooperação internacional e iniciou-se a fascitização crescente do aparelho de Estado.

Foi no tempo de Truman que a Comissão de Atividades Anti-Americanas, aparelho policial montado no Senado para oprimir as consciências, retomou sua anterior projeção na vida dos Estados Unidos. Foi em seu tempo que a militarização da economia, a construção de bases de agressão em todo o mundo, a marshallização da Europa e a «ajuda» do ponto quatro, identificaram a política americana como a continuação do nazismo. Internamente, rompidos todos os preceitos constitucionais, desencadeou-se uma perseguição feroz aos dirigentes operários fieis à sua classe e aos dirigentes do Partido Comunista Americano, quase todos presos ou sendo processados. Não houve governo fascista do mundo que não obtivesse uns tanto dólares, proporcionais ao massacre de patriotas e de elementos progressistas.

Parece espantoso, portanto, que precisamente Truman seja agora acusado de proteger o comunismo e acusado duramente pelo próprio Edgard Hoover, chefe da polícia dos Estados Unidos, homem que exige o fichamento até mesmo de crianças de um ano.

De que se trata, afinal? Trata-se que os dois bandos de saqueadores, distribuídos pelo Partido Democrata e pelo Partido Republicano procuram marcar pontos. O anti-comunismo, nos Estados Unidos como em todos os outros países é uma indústria rendosa, baseada na mentira e na traição.

Batidos pelos candidatos do Partido Democrata nas últimas eleições parciais, o Governo Eisenhower busca iludir o povo apelando para as mesmas mentiras de que Truman lançou mão durante todo seu Governo.

Mas isso não é o principal. O principal é que se procura intensificar mais ainda a histeria guerreira, procura-se incutir no povo dos Estados Unidos um sentimento de insegurança a fim de justificar novas restrições à liberdade dos cidadãos e possibilitar a votação de maiores verbas militares.

O «caso White» em torno do qual vociferam os assassinos dos Rosenberg e invasores da Coreia é uma pequena amostra da degradação a que chegaram os políticos norte-americanos, que fazem sua glória do uso indiscriminado da calúnia e da mentira.

Todos se acusam de espíões. Na verdade, são traidores todos eles.

GUIA PARA O ESTUDO DO INFORME DE PRESTES, « O XIX CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA E AS TAREFAS DE NOSSO PARTIDO »

SUPLEMENTO — Não Pode
Ser Vendido Separadamente

VOZ OPERÁRIA

N.º 236 ☆ Rio de Janeiro, 21 / 11 / 53

SUMÁRIO

ROTEIRO PARA ESTUDO DO INFORME
PUBLICADO EM PROBLEMAS, N. 45

Introdução (Páginas 56 e 57)

Capítulo I (Páginas 57 a 62)

Capítulo II (Páginas 62 a 76)

Capítulo III (Páginas 76 a 80)

Capítulo IV (Páginas 80 a 89)

Conclusão (Páginas 89 e 90)



O Informe de Prestes deve ser lido, estudado, discutido e levado à prática por todos os militantes de vanguarda, pelos trabalhadores e patriotas. O GUIA, publicado neste suplemento, tem por objetivo ajudar os militantes a elevar seu nível ideológico e político, a assimilar e levar à prática as tarefas e ideias contidas nesse documento básico que é o magistral Informe de Prestes "O XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e as Tarefas de Nosso Partido."

De cada uma das partes damos um resumo seguido da indicação das teses e ideias mais importantes. A leitura de cada resumo facilitará a compreensão da estrutura geral do Informe.

GUIA PARA O ESTUDO DO INFORME DE PRESTES, «O XIX CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA E AS TAREFAS DE NOSSO PARTIDO»

ESTUDAR O INFORME é, antes de tudo, procurar compreender seu sentido político e as teses fundamentais que são nele levantadas. O estudo do Informe deve servir para ajudar cada militante ou cada organização do Partido a fazer um exame crítico e auto-crítico de sua atividade. O estudo do Informe deve servir para armar a todos no sentido de uma justa aplicação da linha política do Partido. O estudo do Informe fornecerá ainda a cada organização de base do Partido e a cada militante novos argumentos para o trabalho de agitação política entre as massas.

Como realizar o estudo individual do Informe?

ROTEIRO PARA ESTUDO DO INFORME ("PROBLEMAS", N. 45)

Introdução (Páginas 56 e 57)

RESUMO — Por se tratar da primeira reunião do CN após a morte do camarada Stálin, faz o camarada Prestes na introdu-

ção do Informe uma rápida apreciação a respeito da vida e da atividade do grande Stálin, particularmente no que se relaciona com a vida e a atividade de nosso Partido.

Questões a Estudar :

- 1 — Nosso Partido viveu e cresceu sob a direção de Stálin. A importância da obra do camarada Stálin, melhor discípulo de Lênin e continuador de sua obra, na formação de nosso Partido.
- 2 — Com o pensamento em Stálin, gênio do proletariado, nossos mártires e heróis tudo souberam enfrentar, nossos melhores militantes souberam vencer todas as dificuldades.
- 3 — O camarada Stálin como o melhor amigo de nosso povo, personificava as esperanças de todos os oprimi-

dos. Seu imenso papel na guerra contra o nazi-fascismo. Como nosso povo sentiu a morte de Stálin — cartas aos nossos jornais; o soldado que foi punido por haver chorado a morte de Stálin.

- 4 — Avançaremos na realização de nossa tarefa de dirigentes da revolução na medida em que formos capazes de aplicar os ensinamentos do camarada Stálin às condições concretas de nosso país. É nosso dever saber fazer dos ensinamentos de Stálin um guia para a nossa ação revolucionária.

CAPÍTULO I (PÁGINAS 57 a 62)

RESUMO — É feita neste capítulo a apreciação da importância histórico-mundial do XIX Congresso do PC da União Soviética. O Informe chama a atenção para os ensinamentos do Congresso no que se relaciona com a

situação internacional, à política de paz da URSS, à construção do socialismo e à passagem para o comunismo na União Soviética. Destaca a importância da definição stalinista do internacionalismo proletário e procura acentuar onde estão as fontes da força e in-

vencibilidade do PCUS. O estudo deste capítulo ajuda a compreender a enorme importância do XIX Congresso do PCUS para o esclarecimento e melhoramento de toda a atividade de nosso Partido.

Questões a Estudar :

- 1 — No período balanceado pelo XIX Congresso (1939-1952) sucederam-se acontecimentos que mudaram a face do mundo, como foi a 2.ª guerra mundial. Neste período o P.C.U.S. obteve êxitos sem precedentes. O reflexo de tais vitórias no mundo inteiro e particularmente em nosso país.
- 2 — É imensa a força da União Soviética, que marcha para o comunismo e se torna cada vez mais forte. Nisto está a base da política de paz da União Soviética.
- 3 — O XIX Congresso revelou a força poderosa do internacionalismo proletário e serviu para reforçar os laços que unem a vanguarda da classe operária de todos os países com o Partido Comunista da União Soviética. A definição stalinista do internacionalismo proletário e a importância histórica da declaração de que nosso povo jamais participará de guerra contra a U. R. S. S.

- 4 — O XIX Congresso revelou a força imensa do P.C.U.S. como dirigente da sociedade soviética. Importância da unidade do Partido e da elevação do nível ideológico e político de seus militantes, como condições de sua força.
- 5 — O XIX Congresso revelou a força criadora da doutrina do proletariado, da teoria marxista-leninista. A importância decisiva da luta permanente pela elevação do nível ideológico de todos os militantes.
- 6 — O XIX Congresso ensina como manejar a poderosa arma da crítica e da auto-crítica. Ver a citação de Vorochilov no Informe.
- 7 — Precisamos saber conservar o legado precioso do camarada Stálin. Importância e necessidade de assimilarmos os ensinamentos de Stálin, continuador da obra de Marx, Engels e Lênin.

As Memoráveis Greves De Caxias do Sul

Em Caxias do Sul, os patrões se gabavam de que ali reinava a «paz social» e a «tranquilidade». Esperavam que essa «tranquilidade» continuasse sempre para eles, enquanto exploravam desenfreadamente os operários. Mas já no ano passado, sob a influência das memoráveis jornadas de agosto, milhares de trabalhadores saíram à rua em manifestações e comícios contra a carestia e por uma vida melhor. Por outro lado, os 9 sindicatos de Caxias que, inclusive, têm sede comum, irmanam os trabalhadores e seus diretores reúnem periodicamente para debater os problemas da classe operária.

A PRIMEIRA LUTA

Coube aos 2.000 madeireiros de Caxias, que vinham lutando por 250 cruzeiros de aumento, realizar a primeira greve. Expirado o prazo dado aos patrões por um «ultimatum» da assembléia, a greve foi decretada após vibrante reunião. O clero colocou-se abertamente contra a greve e, juntos com os policiais, os padres saíram de porta em porta em «comandos de fura-greves», numa desonesta exploração dos sentimentos religiosos da camada católica dos operários. Mas a greve continuou firme e os operários unidos por cima de diferença de crença, ganharam as ruas. Foi a primeira passeata de grevistas em Caxias.

Essa combatividade repercutiu imediatamente entre os

trabalhadores em bebidas que em grande assembléia resolveram aderir à greve por suas reivindicações. E o fizeram passando por cima do presidente do sindicato, o indivíduo Ernesto Bernardi, que é um pelego reptante, inimigo jurado da classe operária e policial, motivo por que foi expulso do Partido Comunista do Brasil, onde há tempos se havia infiltrado. Os 3.000 operários de bebidas, entre os quais grande número de combativas mulheres, agiram com independência e firmeza.

Unidos, madeireiros e operários de bebidas resolveram realizar um grande comício. Foi a conta. O clero reacionário convocou uma procissão para o mesmo dia e hora, a qual compareceram muitos grevistas católicos. Os que estavam no comício, a maioria, esperaram pelos seus companheiros católicos que, terminada a pro-

cessão vieram juntar-se à manifestação de luta contra a carestia e os salários de fome, muitos deles ainda com velas na mãos... A provocação para dividir os operários fôra derrotada.

A PASSEATA DA VITÓRIA

A vitória dos madeireiros após 12 dias de greve com a conquista de 200 cruzeiros de aumento foi comemorada com uma festiva passeata. Gaiteiros à frente, numerosos cartazes e um carneiro de arrasto representando os pelegos vencidos, a passeata teve um cunho alegre, reunindo não só grevistas mas grande massa popular. Deu a nota um operário que, carregando um pelego de carneiro como estandarte, fingia de patrão e «chorava» a derrota.

POR UM GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR

A passeata terminou com um grande comício em que os oradores, delirantemente aplaudidos, proclamavam um novo governo, democrático e popular.

Alguns dias depois os ope-



A grande demonstração dos madeireiros vitoriosos após 12 dias de greve, derrubou a lenda da paz social em Caxias

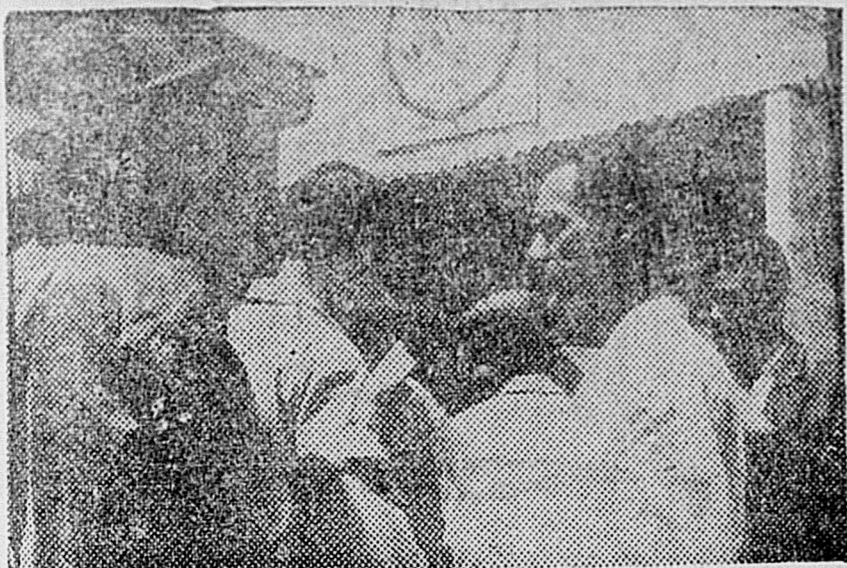
rários da bebida obtinham vitórias parciais apesar da traição do renegado Bernardi.

As greves de Caxias marcaram uma nova época para os trabalhadores de Caxias, porque eles tanto nas assembléias dos grevistas como na dos outros setores que manifestaram solidariedade, incluíram reivindicações políticas nos seus pro-

gramas de luta. Aprovaram os grevistas através de moção, o Plebiscito Pela Paz e exigiram o reatamento de relações com a União Soviética, o que também se deu na assembléia dos metalúrgicos que exigiram relações diplomáticas com todos os países. O nome de Prestes era pronunciado com carinho pelos grevistas que vi-

ram nos comunistas um baluarte de sua luta e uma garantia de firme direção para a vitória. Nos comícios e passeatas ouviam-se vivas ao P.C.B. e a Prestes. As greves de Caxias mostraram a combatividade do proletariado caxiense e abriram o caminho para novas lutas e novas vitórias.

O PLEBISCITO NO RIO GRANDE DO SUL



Nos portões da metalúrgica Wallig, os operários votam por Entendimentos entre as grandes potências

Cerca de 20.000 pessoas, no Rio Grande do Sul, já votaram no Plebiscito Nacional por Entendimentos. Entre os votantes se encontram eminentes personalidades das mais diversas correntes e organizações. Vereadores portoalegrenses e do interior do Estado, deputados estaduais deram seu voto e muitos deles prestaram declarações de apoio à Campanha. Líderes estudantis, dirigentes de organizações femininas e religiosas bem como dirigentes sindicais entre eles os presidentes do sindicato dos alfaiates, dos gráficos, da construção civil, do mobiliário, dos choferes, de operadores de cinema, dos têxteis e dos tranviários fizeram idénticas declarações. As Câmaras Municipais de Pelotas, Taquari, Viamão, Rio Grande e outras, atendendo a um ofício que lhes foi dirigido pelo Movimento Estadual de Defesa da Paz, dirigiram-se ao governo federal solicitando o apoio do Brasil para a solução pacífica das divergências internacionais. Os trabalhadores da indústria de beneficiamento de madeira e os empregados na indústria de bebidas, bem como os

gráficos de Porto Alegre, durante a greve de agosto último, apoiaram a Campanha por Entendimentos em grandes assembléias gerais nos respectivos sindicatos dirigindo-se, neste sentido, ao Movimento Estadual de Defesa da Paz. Os alfaiates, costureiras e os trabalhadores na indústria de confecção de Porto Alegre, participam da Campanha do Plebiscito no Sindicato em cuja sede foi instalada uma urna desde o início da campanha. Inúmeros outros setores dão seu caloroso apoio ao Plebiscito. Diariamente são colhidos votos pela paz nas grandes empresas da capital gaúcha ali onde trabalham tranquilamente, metalúrgicos, têxteis, municipais, etc. Nos portões da Metalúrgica Wallig, a reportagem de «A Tribuna» de Porto Alegre procedeu à movimentada enquete sobre a luta pela paz recebendo todo apoio da classe operária. Os operários da fábrica de material bélico «Forjas Taurus», ouvidos nessa oportunidade, votaram também por entendimentos entre os governos. Com grande entusiasmo prossegue o Plebiscito no R. G. do Sul.

Uma Noite em Claro Por Três Quilos de Arroz

É impressionante a fila para comprar o arroz da IRGA (Instituto Rio-Grandense do Arroz), nas feiras de Porto Alegre. Nos dias designados, uma vez por semana, lá está o povo pobre desde às 21 horas, atravessando pela noite adentro, aguardando que no

dia seguinte comece a ser vendido o arroz de 3 cruzeiros.

E, quando o sol já está alto, então começa a distribuição dos cartões. Azuis para os primeiros que não atingem a 100 pessoas com direito a 3

quilos; rosa, daí até 400 pessoas para as quais só há arroz se sobrar e, finalmente, há os cartões brancos que constituem uma vaga esperança. Quantas vezes, depois de casa, velhos e crianças passam noites na fila e não conseguem coisa alguma!

Por que todo esse sacrifício para conseguir somente 3 quilos de arroz? É que embora o Rio Grande do Sul seja terra do arroz, o preço corrente é o mesmo dos demais Estados, isto é, 11 e 12 cruzeiros e, até mais. E o fato de haver arroz na praça, mais atesta a pobreza das massas populares que se vêm obrigadas a passar a noite em claro para economizar cerca de 27 cruzeiros, quando conseguem obter o arroz.

Os postos do IRGA surgiram após as memoráveis jornadas de agosto, quando o povo nas ruas em Rio Grande, Santa Maria, Caxias, Porto Alegre, Uruguaiana e por todo o Estado exigia a rebaixação dos gêneros, quando na cidade de Recchia a classe operária e o povo eram metralhados pela polícia de Dornelles e Getúlio. Os postos do IRGA foram fruto das lutas de massas e surgiram vendendo arroz a 2,80. De lá para cá o governo tenta retirar esta conquista do povo, quer racionando o produto — causando as filas — quer melhorando o seu preço para 3,00.

Mas a resistência popular, os protestos e manifestações de organizações populares e operárias contra a posição de Dornelles, têm posto por terra os planos dos açambarcadores do arroz e intermediários como Jango Goulart que querem arrancar o arroz da boca do povo para vendê-lo noutras praças a preço elevadíssimo ou trocá-lo, através da CIREI, por camionetas «Dodge» importadas dos E.E. UU. Nas filas o povo discute o caráter impopular do governo de Vargas, recorda indignado suas mentirosas promessas pré-eleitorais e se esclarece para lutas maiores e mais vigorosas que as jornadas de agosto contra esse governo de fome e de carestia.

15 Mil Ferroviários Ganham Salários de Fome

Trabalho estafante, salários de fome, dificuldades incontáveis, eis o que é a vida dos ferroviários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Os 15 mil trabalhadores dessa ferrovia percebem salários que variam de 900 a 1.400 cruzeiros, com os quais é impossível fazer frente à alta crescente do custo de vida. Entretanto, Getúlio teve o desplante de declarar que os ferroviários gaúchos são os mais bem pagos do Brasil!

O pessoal do tráfego trabalha até 16 horas diárias sem qualquer acréscimo no salário. Os «tucos», operários da via permanente, são sujeitos ao sol e à chuva, sem horário certo, e vivem ao longo das linhas desde o raiar do dia até o anoitecer. Os casebres em que moram não oferecem o mínimo conforto para suas famílias.

Quanto aos aposentados, a situação ainda é mais negra. Não percebem a diferença de proventos, isto é, a parte que deve ser paga pelo governo. Apenas contam com a míngua quantidade da Caixa de Aposentadoria e Pensões. O que se passa com a viúva do ferroviário Messinger é um exemplo. Mãe de 8 filhos, recebe da «Caixa» apenas 400 cruzeiros por mês. É esta a «assistência social» de Getúlio



Os órfãos do ferroviário Messinger, estão condenados à fome pois a «Caixa» lhes concede mísera pensão: 400,00 por mês.

que, num insulto aos trabalhadores, não se cansa de proclamar que a sua legislação trabalhista é a «mais avançada» do mundo.

Ao aumento de salários que os ferroviários estão exigindo, o governo responde com «reestruturações» e «quadros» que em realidade não satisfazem. Além disso, tenta por todos os meios, impedir a organização desse importante setor operário. Mas os trabalhadores transpõem todos os

obstáculos. Lutam com entusiasmo e firmeza por suas reivindicações: aumento de salário, condições de vida mais humanas, jornada de 8 horas e direito à sindicalização.

Unidos, reforçando sua organização em cada local de trabalho, os ferroviários marcham para grandes lutas e grandes vitórias.

Um Marco na Vida Dos Camponeses Gauchos

*Não lutar — eis a desgraça
amigos, irmãos, peões.
E' debaixo da fumaça
que se conseguem galões.*

(Do trovador Zé da Granja) . . .

Com esse espírito combativo realizou-se vitoriosamente a I Conferência Regional dos Assalariados Agrícolas do Rio Grande do Sul que constituiu um marco na vida dos camponeses. Antigamente, o peão falava com o estancieiro de chapéu na mão. Nesta Conferência, a peonada levantou a cabeça e falou grosso. Soube debater os seus problemas, sem a tutela de quem quer que seja.

Velo gente de todas as querências e de todos os pagos. Muitos, com trajes tradicionais: lenço de forte colorido, bombachas largas e botas. Traziam experiências de suas lutas que foram narradas.

«A HISTÓRIA DO RIO GRANDE É A HISTÓRIA DA LUTA CONTRA O LATIFÚNDIO»

Trinta e dois delegados de treze municípios — peões, assalariados agrícolas, pequenos e médios proprietários e parceiros, tudo fizeram vencendo todos os obstáculos para participar do conclave. O Sindicato dos Marítimos, em Pelotas, regurgitava quando o delegado Felicíssimo Tchakovsky, do município de Jaguarí, disse ter percorrido 700 quilômetros para vir à Conferência e que em todo esse trajeto só havia encontrado terras devolutas de latifúndios improdutivos, enquanto os camponeses pobres não dispõem de terra para cultivar. Concluindo seu discurso, sob forte salva de palmas declarou: «A história do Rio Grande do Sul é a história da luta contra o latifúndio. Os camponeses só terão a vitória, terras para trabalhar, se lutarem unidos e organizados».

Inúmeros outros oradores usaram da palavra, destacando a necessidade da organização e da união, condenando o governo de grandes capitalistas e grandes fazendeiros que tem à sua frente o demagogo Vargas. Disse o sr. Evangelista da Rosa Rios: «Getúlio manda que o povo se organize mas na realidade ele não quer nada disso. Mandá, sim, espancar o povo quando este procura unir-se e organizar-se. Falo com conhecimento de causa, pois eu mesmo fui arrancado do meu lar pela polícia. As leis que beneficiam os trabalhadores ficam no papel. O povo já percebe de que lado está a salvação do Brasil».

Assembléias e passeatas levaram os camponeses à vitória. A vida de trabalho e de lutas dos camponeses foi trazida ao conhecimento de todos. A Conferência Regional foi precedida de lutas em todo o Estado e de numerosas assembléias.

Os trabalhadores da granja Cel. Pedro Osório, uma das maiores do Estado, abandonaram o serviço para o qual tinham sido convocados pelos patrões no domingo e compareceram em massa, após caminharem longas distâncias, à assembléia que culminou numa passeata, com faixas e altos brados pedindo justiça para as suas reivindicações — salário mínimo, férias e domingos e feriados.

Cavaleiros, dezenas de carroças, homens, mulheres, crianças, velhos e moços a pé, organizados, mostraram com vigor ainda não conhecido pelos patrões, sua disposição de lutar. Eles foram vitoriosos e a vitória ob-

tida projetou-se por toda a zona sul do Estado. No Arrozal do Liscano, outra granja próxima, os trabalhadores estimulados pela luta dos seus companheiros, dirigiram memória ao patrão exigindo também pagamento de diferenças de salário atrasados, de férias e domingos e feriados. Sua unidade e organização levaram o patrão à derrota. O movimento culminou com a fundação da Associação Profissional, durante o grande churrasco realizado no povoado de Santa Isabel, ao comemorarem a vitória alcançada.

REFORÇAM-SE OS LAÇOS ENTRE OPERÁRIOS E CAMPONESES

Enquanto os camponeses travavam dolorosas discussões em torno do temário que condensava as suas reivindicações mais sentidas, a Conferência ia recebendo o apoio e a solidariedade do povo e fundamentalmente dos operários. O Prefeito e a Câmara de Vereadores de Pelotas apoiaram a Conferência. Os operários através dos seus sindicatos não deixaram um momento sequer de ajudar aos seus irmãos camponeses.



Da Conferência Regional dos Trabalhadores Agrícolas realizada em Pelotas saiu uma importante delegação à I Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas realizada em S. Paulo. Aqui vemos os seus membros confraternizando com os delegados camponeses do Estado do Paraná.

Um sindicato — o dos marítimos — garantiu a sede para a realização da Conferência. Os presidentes e delegados fraternais dos estivadores, marítimos, garçons, trabalhadores em carnes e derivados, rodoviários, carris urbanos, portuários, pedreiros, gráficos, do arroz, trigo, milho e mandioca, estavam presentes aos trabalhos, contribuíram financeiramente; enfim, mostraram alto espírito de solidariedade e de unidade. Foi este um fator decisivo, não só porque tornou vitoriosa a realização da Conferência como ainda porque reforçou os laços de amizade entre os trabalhadores do campo e da cidade, fato que foi realçado por todos os dirigentes sindicais pelotenses.

A PAZ E A INDEPENDÊNCIA NACIONAL REIVINDICAÇÕES DOS CAMPONESES

Os camponeses unem-se aos trabalhadores das cidades e aprendem com eles a en-

frentar com êxito as perseguições dos grandes latifundiários e fazendeiros que procuram dificultar sua ação. Devido às distâncias e aos obstáculos interpostos pelos seus inimigos, os jornais da Imprensa Popular ainda não têm, no campo, a divulgação que podiam ter. Mas, quando um exemplar cai nas mãos dos camponeses é lido por dezenas até ficar completamente gasto. Muitos trabalhadores conservam, como reliquia, o exemplar do jornal que publica a reportagem. O mesmo sucede com as trovas que se referem às suas lutas e à sua vida. Os camponeses desenvolvem-se politicamente, demonstram uma sede de saber como nunca tiveram.

Demonstrando uma maturidade e um nível bastante elevado de compreensão dos problemas gerais que interessam o Brasil e o mundo, os camponeses abordaram questões fundamentais, como a defesa da paz, das riquezas nacionais, a defesa dos direitos democráticos. Compreenderam que suas reivindicações específicas estão entrelaçadas

com as de todo o povo brasileiro, com as de todos os povos do mundo.

A LUTA PELO CUMPRIMENTO DAS RESOLUÇÕES

Foi assim que os camponeses reconheceram e proclamaram que a paz está ligada a todas as reivindicações dos trabalhadores agrícolas e conclamaram a todos os homens do campo a participar ativamente do plebiscito nacional por entendimento. Entenderam, com razão, que é no exercício dos direitos de associação, de reunião, de liberdade sindical e de greve que reside a eficiência da defesa das liberdades democráticas. E mais: evidenciando elevado espírito de patriotismo, os camponeses do Rio Grande votaram favoravelmente à moção especial que propunha a extensão do nosso comércio a todos os países do mundo, sem exceção.

Outras resoluções, que constituem as reivindicações próprias, foram tomadas e dirigidas de modo a constituírem verdadeiras palavras-de ordem — com orientação concreta para as massas camponesas — e que podem ser assim resumidas: a) luta pela aplicação e pela extensão da legislação trabalhista, inclusive a de previdência social e seguro contra acidentes; b) luta pela reforma agrária, isto é, pela distribuição gratuita da terra aos camponeses que não têm terra ou que tenham pouca terra, distribuição acompanhada da assistência também gratuita, necessária ao aproveitamento da terra distribuída.

Hoje os camponeses lançam-se à luta por seus direitos, aspirações e reivindicações, dirigidos pela Comissão Permanente de Trabalhadores Agrícolas, garantia para a união de todos os trabalhadores do campo do Rio Grande, para a efetivação das Resoluções tomadas.

Não há dúvida que os trabalhadores tomaram o caminho certo. Pela primeira vez na história dos trabalhadores do Rio Grande do Sul, os camponeses têm o seu órgão central capaz de orientá-los, de esclarecê-los nas lutas por seus interesses, de conduzi-los à vitória através dum caminho mais curto.

Respondendo ao Leitor

A POSIÇÃO DOS PATRIOTAS EM FACE DA "PETROBRÁS"

Um operário, nosso leitor, escreve-nos manifestando sua estranheza sobre a posição assumida em face da rejeição das emendas do Senado ao projeto da Petrobrás. Alega ele que logo após a aprovação do projeto na Câmara, em 1932, a atitude dos patriotas foi de combate intransigente ao mesmo, apesar das profundas modificações introduzidas no texto original enviado pelo Presidente da República; — e que agora, simplesmente porque foram derrotadas algumas emendas mais reacionárias do Senado, essa atitude parece transformar-se em regozijo por uma suposta vitória contra a Standard Oil. O projeto da Petrobrás, tal como saiu da Câmara, teria deste modo passado a ser bom e patriótico, coisa esta que o nosso leitor considera absolutamente incompreensível.

Resposta: inicialmente devemos elogiar a vigilância do leitor, justamente chocado com uma deformação da atitude justa em face da rejeição das emendas do Senado. Essa deformação, que se tem verificado em muitos pontos do país, inclusive em algumas grandes cidades, consiste em acentuar unilateralmente os lados positivos dessa rejeição, colocando em primeiro plano a vitória parcial obtida, e deixando de lado o fato concreto de que a Standard Oil continua dominando completamente o comércio de produtos de petróleo no Brasil, e de que o governo de Getúlio é um governo inteiramente submetido ao imperialismo yanque.

Sem a nacionalização do comércio distribuidor atacado de produtos de petróleo teremos fatalmente a Petrobrás funcionando em benefício da Standard — se é que teremos a Petrobrás realmente funcionando. Isso já acontece com a refinaria de Maritípe, que vende seus produtos por intermédio do truste, deixando-lhe a maior parte dos seus lucros; e também com a nossa frota de navios petroleiros, que está arrendada às empresas imperialistas, em lugar de ser utilizada para adquirir produtos de petróleo na URSS, nas Democracias Populares, e em outras fontes produtoras não dominadas por essas empresas.

Essa era a razão principal da oposição dos patriotas ao projeto da Petrobrás tal como saiu da Câmara, e ela continua de pé. A nota oficial do Centro do Petróleo sobre a derrota das emendas do Senado colocou o problema de modo justo, deixando isso bem claro.

A derrota da emenda n.º 32 (Ismar de Goes) proíbe que a Petrobrás possa contratar seus serviços com a Standard, dando-lhe participação nos seus lucros e entregando-lhe na prática a sua própria administração. O texto de lei aprovado finalmente não permite a participação direta dos trustes na Petrobrás. Mas, com um governo do tipo que aí está, isso de nada adiantará, principalmente se a Standard continua dominando o comércio distribuidor.

E' claro que o projeto aprovado não satisfaz aos desejos da Standard, e esse truste não esconde a sua oposição ao mesmo. A manobra do truste consiste em levar ao fracasso a Petrobrás, impedindo que ela funcione, isto é, impedindo que o nosso petróleo saia do fundo da terra, e impedindo que a refinaria de Cubatão seja terminada ou que outras refinarias sejam construídas. Depois do fracasso, a Standard voltará à carga, lutando por uma nova Lei. E para alcançar esse objetivo os homens que estão no poder servem maravilhosamente aos intentos da Standard. Getúlio sancionou o projeto da Petrobrás, mas ou pretende que ela não funcione, ou que funcione mal e em benefício da rede comercial do truste. E a prova disso aí está: os dois nomes em cogitação para o cargo de Presidente da Petrobrás são dois conhecidos entreguistas: o coronel Juraci Magalhães e o general Juarez Távora.

Essa é a atitude justa a assumir em face da Petrobrás. Entretanto, essa posição vem sendo muitas vezes apresentada de modo deformado. Muito oportuna pois a vigilância dos nossos leitores, que deve alertar a todos os patriotas.

O "PLANO ARANHA" ARRUINA OS CAMPONESES

O "plano Aranha" é apresentado demagogicamente como um plano de auxílio à agricultura. Na realidade, ele significa uma alta brutal do custo de todas as utilidades e atinge em cheio à agricultura. O Rio Grande é fortemente prejudicado por ele. Por que? Porque 70 por cento do que o Estado produz não se destina à exportação, é consumido no país. As bonificações a que se refere o "Esquema Aranha" são para os latifundiários e grandes exportadores, os únicos que trarão a "bola". Praticamente, os agricultores do Rio Grande estão fora das tais bonificações.

Enquanto isso, já se anuncia a elevação do preço dos combustíveis em mais um cruzeiro por litro. Imagine-se o saque que sofrerá a lavoura, principalmente a do arroz, com milhares de granjas, tendo vários motores em ação, quando um só motor consome diariamente mais de 300 litros de gasolina pagando água para irrigação. Os tratores e os implementos agrícolas estão subindo de preço em 50, 80 e até 100 por cento. Na mesma proporção sobem os preços dos venenos, inseticidas, adubos e de todos os bens de consumo. Nada escapa aos efeitos do novo tributo. Mas, acontece que os tem-

pos mudaram. Os camponeses sabem que não serão os Aranhas, Getúlios e quejandos que resolverão os seus problemas — terra, sementes, instrumentos de trabalho, crédito barato. Não têm nem podem ter mais ilusões diante de fatos concretos como os que estão vivendo ultimamente e têm vivido sempre. Eles, sejam trabalhadores braçais ou lavouros abastados, sabem que o seu caminho é o da frente única com todas as forças sãs e progressistas do povo e a luta sem tréguas contra os latifundiários e imperialistas que monopolizam a terra e saqueiam o país.

CAPÍTULO II (PÁGINAS 62 a 76)

RESUMO — A luz dos ensinamentos do XIX Congresso e, mais particularmente, do discurso nele proferido pelo camarada Stálin examina o Informe rapidamente a situação mundial e nacional e faz uma apreciação crítica detalhada da atividade de nosso Partido. O centro deste capítulo está na afirmação de que, nas atuais condições, podemos desenvolver maior atividade e conseguir maiores êxitos.

Indica por isso as falhas e erros que ainda cometemos na luta em defesa da paz, a debilidade de nossa luta em defesa das liberdades democrático-burguesas, na luta pela independência nacional e na luta contra o governo de Vargas, que não temos sabido desmascarar diante das massas. Chama a atenção para as correções que devemos fazer na linha política de nosso Partido e para as falsas

tendências que devemos combater na aplicação da linha a fim de vencermos o atraso em que ainda nos encontramos. Mostra finalmente que ainda nos falta uma justa compreensão da amplitude que deve ter a Frente Democrática de Libertação Nacional e que tendências de direita e esquerda dificultam sua formação.

Questões a Estudar:

1 — O discurso do camarada Stálin no XIX Congresso traça um programa de ação e determina tarefas concretas para os Partidos Comunistas de todos os países em que domina o capital. Afirma que há todos os fundamentos para contar com os êxitos e as vitórias dos partidos irmãos nos países em que domina o capital. O que isso significa para o nosso Partido: podemos desenvolver maior atividade e conseguir maiores êxitos.

2 — A situação mundial se caracteriza pela existência de duas linhas de desenvolvimento: a dos que querem a guerra e a dos que lutam pela paz. Aprofunda-se a divisão do mundo em dois campos de forças. Desagrega-se o campo imperialista.

3 — A situação em nosso país confirma plenamente a lei econômica fundamental do capitalismo contemporâneo, descoberta por Stálin. Cresce a miséria das massas, aumenta a exploração dos trabalhadores, o país é pilhado pelos monopólios ianques, aumenta a ameaça de ser o nosso povo arrastado às aventuras guerreiras do imperialismo.

4 — Nosso Partido tem alcançado alguns êxitos à frente do povo (não seguiram soldados brasileiros para a Coreia), mas a ação de massas é ainda entre nós débil e por isso a reação continua avançando e impondo sua vontade (veja-

se o «Acôrdo Militar» com EE. UU.), sem que consigamos desencadear a necessária resposta de massas.

5 — LUTA EM DEFESA DA PAZ — O XIX Congresso nos permite corrigir sérias incompreensões que ainda dificultam o desenvolvimento da luta em defesa da paz em nosso país. Esta parte do Informe deve ser cuidadosamente estudada porque ensina a compreender o caráter e os objetivos da luta em defesa da paz, aponta nossas incompreensões e indica quais as tendências que surgiram e que devem ser corrigidas em nossa luta em defesa da paz.

6 — LUTA PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS — É nosso dever levantar a bandeira das liberdades democrático-burguesas. Tivemos alguns êxitos nesta frente de luta, mas o sectarismo ainda dificulta o desenvolvimento com maior êxito das lutas em defesa das liberdades democráticas. Esta parte deve ser igualmente estudada com a maior atenção e sempre em íntima ligação com a atividade prática de cada um. Além dos erros apontados no Informe, deve cada militante investigar quais as causas que ainda dificultam o maior desenvolvimento das lutas pelas liberdades em seu setor de trabalho. Precisamos compreender que a luta pelas liberda-

des permitirá o desmascaramento de Vargas e de todos os demagogos que apoiam sua política.

7 — LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL — Mostra que ainda não levantamos com o vigor que é necessário a bandeira da independência nacional. Merece igualmente a maior atenção esta parte do Informe porque chama a atenção de todo o Partido para uma série de questões importantíssimas, que devem ser examinadas com espírito autocrítico pelos militantes e pelas organizações de base do Partido. Entre elas podemos destacar as seguintes:

a) ainda não sabemos organizar o sentimento patriótico no nosso povo;

b) ainda não sabemos levar em conta o fator nacional para desmascarar e isolar os traidores de nosso povo;

c) a luta contra os imperialistas ianques ainda se processa por campanhas isoladas, sem assumir as proporções de uma luta política pela libertação nacional;

d) ainda não tomamos a luta política pela libertação nacional como um dos principais objetivos de nosso Partido; não reagimos com a presteza necessária diante dos fatos que servem para desmascarar os traidores de nosso povo;

e) pouco temos feito para responder à propaganda ideológica do inimigo; devemos saber desmascarar os que falam da «fatalidade» de nossa submissão ao pretense «colosso»

americano; saber como desmascarar a chamada «ajuda» americana.

8 — UNIR E ORGANIZAR AS FORÇAS ANTI-IMPERIALISTAS E ANTI-FEUDAIS — Mostra que a luta por libertar o Brasil do jugo imperialista está intimamente ligada à luta contra o governo de Vargas. Não temos sabido revelar às massas o verdadeiro caráter do governo de Vargas. É um governo de tração nacional, e indica por que. A respeito da tática de frente única assinala principalmente as seguintes questões, que exigem um estudo cuidadoso:

a) o inimigo não conseguiu nos isolar, mas ainda não conseguimos organizar em ampla frente única as grandes forças democráticas e patrióticas de nosso povo;

b) na frente única de todas as forças anti-imperialistas e anti-feudais está a única saída de salvação de nosso povo; constitui o instrumento indispensável para a vitória da revolução;

c) duas tendências principais dificultam a formação da frente única: considerá-la como simples frente legal do Partido, quando deve ser uma organização verdadeiramente democrática, de massa; ou a tendência a ocultar o Partido no trabalho pela frente única.

d) falta entre nós uma justa compreensão da amplitude que deve e pode ter a frente única; esta compreensão é necessária para que possamos isolar a minoria reacionária e derrotar o governo de Vargas.

CAPÍTULO III (PÁGINAS 76 a 80)

RESUMO — Indica as tarefas imediatas do Partido na luta em defesa da paz, pelas liberdades democráticas, na luta pela independência nacional e em defesa da soberania nacional, pelo desmascaramento e isolamento de Vargas e do pequeno grupo de

traidores que apoia a sua política. Acentua que a luta em defesa da paz deve ser perfeitamente caracterizada e distinguida da luta revolucionária pelo poder. Mostra que é através da luta de massas que será possível desmascarar e isolar a Vargas e ao pequeno

grupo que apoia a sua política. O objetivo político essencial de nosso Partido consiste em unir em torno da classe operária, em ampla Frente Democrática de Libertação Nacional, a todos os patriotas e democratas.

Questões a Estudar :

- 1 — Definir com precisão o caráter e objetivos do atual movimento em defesa da paz. Enumera as tarefas imediatas da luta em defesa da paz em nosso país.
- 2 — É necessário intensificar a luta pelas liberdades democrático-burguesas, contra a fascistização do país, a fim de isolar a Vargas e os demagogos nacional-reformistas.
- 3 — Como enfrentar os golpes de Estado reacionários: alertar as massas, mobilizá-las em defesa das liberdades.
- 4 — É necessário organizar a luta por cada liberdade concreta e esclarecer as massas a fim de não permitir que sejam enganadas pelos demagogos.
- 5 — São imensas as possibilidades para a intensificação da luta pela independência nacional e em defesa da soberania nacional. Indicar as tarefas concretas mais importantes.
- 6 — É através da luta de massas pelas reivindicações imediatas apontadas que poderá ser feito o desmascaramento e o isolamento do governo de Vargas.
- 7 — O novo governo por que lutamos é um governo de profundas transformações democráticas.
- 8 — O objetivo político fundamental de nosso Partido está em unir em torno da classe operária a todos os patriotas e democratas. Lutar pela organização da Frente Democrática de Libertação Nacional.
- 9 — Indispensável intensificar esforços no sentido de ganhar as massas camponesas para a revolução. Esta questão deve ser cuidadosamente estudada de um ponto-de-vista crítico e auto-crítico por todos os militantes e organizações do Partido.
- 10 — Indica também quais as reivindicações mais importantes que nos permitirão ganhar as amplas massas populares para a frente única nacional libertadora. Especial atenção à luta contra a carestia.

CAPÍTULO IV (PÁGINAS 80 a 89)

RESUMO — Este capítulo trata da importância decisiva do Partido, como fator fundamental na luta vitoriosa de nosso povo pela sua emancipação nacional e social. Mostra que ainda subestimamos o papel do Partido, que não cuidamos com a necessá-

ria atenção, nem mesmo do reforçamento numérico do Partido, e que não demos até agora suficiente importância ao trabalho de educação política, ideológica e teórica dos militantes. Mostra ser necessário fazer crescer numericamente o Partido e desenca-

dear uma batalha pela elevação do nível ideológico dos militantes e do nível teórico dos quadros do Partido. Dá particular atenção à necessidade do estudo e assimilação dos materiais do XIX Congresso nas fileiras de nosso Partido.

Questões a Estudar :

- 1 — Na luta pela emancipação nacional e social de nosso povo, o fator decisivo é o Partido. O Partido é tudo.
- 2 — Ainda não soubemos dar ao problema da construção do Partido a posição de primeira plana, subestimamos o papel do Partido.
- 3 — Não cuidamos suficientemente nem mesmo do reforçamento numérico do Partido e daí o caráter espontaneista do recrutamento de novos militantes.
- 4 — Importância do trabalho de educação política e ideológica no seio do Partido. Devemos realizar mudança radical em nossa atividade nesse terreno da educação de nossos militantes.
- 5 — Uma das maiores deficiências em nosso trabalho partidário — pouco desenvolvimento da crítica e da auto-crítica, como método permanente de trabalho. É indispensável dedicar a maior importância à crítica vinda das bases.
- 6 — É indispensável dedicar esforços no sentido de reforçar cada vez mais a ligação do Partido com as massas.
- 7 — É indispensável dedicar maior cuidado ao trabalho de organização, especialmente à seleção de quadros e ao controle da realização das tarefas.
- 8 — Precisamos cuidar mais do que nunca da unidade nas fileiras de nosso Partido.
- 9 — As duas principais tarefas que devemos enfrentar no que se refere ao Partido são: fazer crescer numericamente o Partido e desencadear uma batalha pela elevação do nível ideológico dos militantes.
- 10 — É necessário decidir praticamente a respeito das medidas a tomar em cada organização do Partido, visando o recrutamento de novos militantes, a criação de novas células de empresa e o desenvolvimento da educação política, ideológica e teórica em nossas fileiras.
- 11 — É necessário estudar e assimilar os materiais do XIX Congresso. O discurso do camarada Stálin, o Informe do camarada Malenkov, as diretrizes aprovadas pelo Congresso sobre o Quinto Plano Quinquenal e os novos Estatutos do P.C.U.S. são documentos programáticos para todos os comunistas. É de fundamental importância o estudo da nova obra do camarada Stálin, «Problemas Econômicos do Socialismo na U.R.S.S.». No estudo de tais documentos, chama o camarada Prestes a atenção de todos os militantes para o estudo, entre outras, das seguintes questões mais importantes:
 - a) como documentos de marxismo criador, tais materiais significam um passo à frente na ciência do proletariado, levantam problemas novos e atuais;
 - b) iluminam as tarefas da construção do comunismo da U. R. S. S.;
 - c) o caráter objetivo das leis da ciência social;
 - d) a divisão do mercado mundial;
 - e) o aprofundamento das contradições no campo do imperialismo;
 - f) é necessário destruir o imperialismo para acabar com a inevitabilidade das guerras;
 - g) a lei econômica fundamental do capitalismo contemporâneo.

CONCLUSÃO (PÁGINAS 89 a 90)

Reafirmação da fidelidade inabalável dos comunistas brasileiros à memória do grande Stálin, ao Partido Comunista da União Soviética e ao seu provado Comitê Central.

Aproximam-se grandes lutas, mas a vitória é certa porque as idéias de Stálin iluminam o nosso caminho. Estas palavras finais devem ser utilizadas para um estudo mais aprofun-

dado a respeito do internacionalismo proletário e do papel dirigente do PCUS no movimento operário mundial.



NOTA: As páginas indicadas após a enunciação de cada capítulo, neste roteiro, correspondem à revista *PROBLEMAS* n.º 45. Entretanto, o Informe de Prestes foi publicado também em folheto pela Editorial Vitória; no n.º 205, 18

de abril deste ano, da «Voz Operária»; e no n.º 417, de 15 de maio, de «A Classe Operária». O estudo do Informe pode ser feito utilizando-se qualquer uma destas publicações.

Carta dos Direitos Democráticos E Sindicais dos Trabalhadores

Qual a causa da carestia e por que se reduz constantemente o nível de vida dos trabalhadores? — O informe de Di Vitorio no segundo ponto da ordem do dia — Há fome onde dominam os monopólios — Depoimentos impressionantes sobre a exploração capitalista em numerosos setores

ABAIXO A GUERRA FRIA CONTRA OS SINDICATOS

ESTE brado de combate inspirou os debates do segundo ponto da ordem do dia do III Congresso Sindical Mundial. Discutindo o palpitante informe do grande dirigente sindical Di Vitorio os delegados levantaram as questões candentes do movimento sindical em intervenções que denunciaram implacavelmente as perseguições aos sindicatos, o domínio dos monopólios e a preparação guerreira, abrindo a perspectiva dos sindicatos assumirem a direção dum gigantesco movimento popular. Nesta reportagem trataremos das jornadas em que foi debatido o segundo ponto da ordem do dia.

15 de Outubro, Quinta-Feira

Duas comunicações importantes assinalam o início da sessão: a Confederação Geral dos Trabalhadores da Guatemala e a C. G. T. de Costa Rica foram aceitas na F. S. M. por unanimidade.

Dois Terços da Humanidade Vivem na Miséria

— Quais as causas da agravamento do nível de vida dos trabalhadores? Por que se verifica o empobrecimento intensivo das camadas médias da população? Quais as tarefas que esta situação impõe ao movimento sindical para combater as causas da miséria crescente e propor soluções no interesse de toda a nação? São estas as questões que Di Vitorio debate em seu informe. E' isso que se discute no segundo ponto da ordem do dia. «Dois terços da humanidade, diz, vivem nas mais espantosas condições de miséria, dispoem de um médico para seis mil habitantes e sua média de vida é inferior a 30 anos».

Isto não adontere porque faltam os produtos, mas porque não há recursos para adquiri-los por causa da dominação sem precedentes dos monopólios sobre as economias nacionais dos países do mundo capitalista. Os monopólios vi-

sam o lucro máximo, intensificam a exploração dos trabalhadores, saqueiam as fontes de matérias-primas, freiam o desenvolvimento da produção. Nessas condições, a luta dos sindicatos amplia-se imensamente. «As lutas sindicais, adentua Di Vitorio, convertem-se em lutas das massas populares, devem ser apoiadas por camadas cada vez mais amplas da população».

Para a classe operária, a independência nacional não é somente uma questão de honra e dignidade, mas uma questão concreta da qual depende seu nível de vida. E' questão essencial da luta pela paz e torna possível uma ampla frente de toda a população em torno do proletariado.

Os governos recorrem à reação mais brutal, a guerra fria contra os sindicatos. E' preciso, pois, defender os direitos sindicais, reforçar a luta pela democracia dentro das fábricas contra as mul-

tas, contra as discriminações, contra as suspensões e dispensas e ampliar esta luta ao âmbito mundial pelas jornadas de oito horas. Di Vitorio faz duas propostas concretas:

- 1 — Que o Primeiro de Maio tenha como palavra de ordem principal a defesa dos direitos elementares e indispensáveis dos trabalhadores.
- 2 — Que a F.S.M. redija a CARTA DOS DIREITOS DEMOCRATICOS E SINDICAIS DOS TRABALHADORES DE TODO O MUNDO NOS LOCAIS DE TRABALHO.

Di Vitorio termina transmitindo importantes experiências da C.G.I.L. (Confederazione Generale Italiana del Lavoro). Contra os planos económicos de guerra e rapina dos trustes, a Central Sindical dos trabalhadores Italianos elaborou e luta por levar à pratica o seu plano construtivo. Exemplos: com uma série de «greves às avessas», isto é, trabalhando, os sem-trabalho começaram a construir estradas, canais e quedas previstos pelo plano, no sul do país, e assim arrancaram do governo uma verba de um bilhão e 200 milhões de liras para esse fim; com «greves às avessas», no Vale de Vomano, foi imposta ao truste a construção de novas centrais eléctricas sem aumento de tarifas; impuseram ao truste Montecatini uma redução de 15% no preço dos adubos; os metalúrgicos das fábricas «Reggiare» impediram o seu fechamento, assumiram o controle da produção e tomaram a iniciativa de produzir três novos tipos de tratores necessários à agricultura: na fábrica Ansaldo, de Genova, os metalúrgicos fizeram o mesmo, acabaram com as despedidas e construíram um navio de grande tonelagem que, hoje,

é o orgulho da marinha mercante italiana.

Os fatos mostram não só que a classe operária tem razão, mas que ela é capaz de assumir a direção da economia e de toda a vida nacional para salvá-la da bancarrota e levá-la ao progresso. Di Vitorio termina seu informe com estas palavras: — E' a nós que cabe fazer a situação evoluir para a vida e não para a morte.

Um País de Mineiros e Camponeses

Esse país é a Bolívia, no centro da América do Sul considerada pelos americanos como o seu quintal. O representante dos mineiros, José



Na mesa do Congresso: Di Vitorio, Schvernik e Le Leap

Zegada Terceros, conta como as companhias estrangeiras transformaram o país num vasto campo de trabalhos forçados e reduziram a nada sua independência nacional. Um grande número de mineiros está atacado de silicose e tuberculose. A duração média da vida de trabalho dum mineiro é de oito anos. Mas a crescente unidade do povo levou ao poder o atual governo, que nacionalizou as minas e iniciou a reforma agrária. A espinha dorsal da unidade nacional é a Central dos Trabalhadores com 750.000 membros.

Outro depoimento sobre a América Latina nos dá o venezuelano Rodolfo Quintero. O país é riquíssimo, país mineiro também, país de ferro e petróleo, escravizado pelos americanos. Os capitais ianques elevam-se a dez bilhões de bolívares. O povo passa fome e há desemprego. O número de trabalhadores do petróleo baixou de 41.000, em 1948, para 28.520, em 1951. Não existe o direito de greve e os cárceres estão cheios. A luta continua, está em organização a central sindical.

A General Motors Mata um Operário Por dia em Estocolmo

O sueco They Falk dá um exemplo impressionante dos ritmos infernais de traba-

lho impostos pelos americanos. Na GM de Estocolmo registraram-se nada menos que 300.000 acidentes no trabalho, só em 1952. Diariamente morre pelo menos um operário em seu posto de trabalho.

A GM é a principal fornecedora do plano armamentista americano. Mas o delegado indiano S. Pra-

manik declara entre aplausos:

«Se os 550 milhões de habitantes da Nova China e os 375 milhões de habitantes da Índia se unirem com os povos soviéticos e as forças progressistas do mundo, não haverá na terra um poder capaz de mergulhar o mundo no horror espantoso da guerra».

16 de Outubro, Sexta-Feira

A Solidariedade Dos Trabalhadores Soviéticos

Destaca-se nesta sessão a intervenção do soviético Soloviev. Refere-se à luta dos sindicatos pela extensão do comércio mundial e compara os acordos económicos entre a URSS, China Popular e democracias populares com os acordos e a «assistência» lanque aos países dominados por Wall Street. Os trabalhadores desses países pagam a «ajuda» lanque que saqueia as riquezas nacionais e priva os países da independência. O comércio com a URSS demonstra que se pode conseguir êxito no desen-

Soloviev informa sobre os quatro pontos apresentados pela delegação soviética à atual assembleia geral da ONU: criação de serviços médicos para todos, sem discriminação; ampliação dos seguros sociais e da proteção à mãe e à criança; aumento das verbas para a instrução, escola primária obrigatória para todos os países membros da ONU; melhoramento dos serviços de saúde, instrução e bem-estar nos territórios dependentes e não autônomos.

Na sua luta pela paz, pelas liberdades e por seus direitos — termina — as massas

volvimento da economia e a elevação do bem-estar dos trabalhadores.

O Chicote da «United Co.» na América Central

Já na sessão anterior, Caceres Rodriguez, referira a intervenção do governo americano na Guatemala a favor do truste. O Departamento de Estado protestou contra a aplicação da reforma agrária aos vastos domínios da «United Fruit». Formaram-se logo comitês de luta contra a intervenção estrangeira, uma manifestação passou pelas principais agências do monopólio e foi até à embaixada americana, onde a multidão cantou o hino nacional.

Mas em Honduras, revc Alfredo Sandoval, o governo é da «United Fruit» que aplica seu lema declarado numa circular interna: «Devemos adquirir e controlar a nação e todas as suas riquezas. De-

laboriosas contam com a solidariedade dos trabalhadores da União Soviética.

vemos obter concessões, privilégios, insenções de impostos, anulação de barreiras alfandegarias e de tudo que reduza nossos lucros». Todas as terras cultiváveis de Honduras estão nas mãos do monopólio que controla as ferrovias, os portos, os transportes aéreos, uma grande parte da imprensa e mantém bandos armados para assassinar dirigentes sindicais.

Em Costa Rica, acrescenta Sierra Cantillo, a «United Fruit» domina as instituições económicas e políticas e é possuidora da terça parte das terras cultiváveis. 90% do país depende dos Estados Unidos. A carestia é tremenda: só os alugueis consomem a metade do salário do trabalhador.

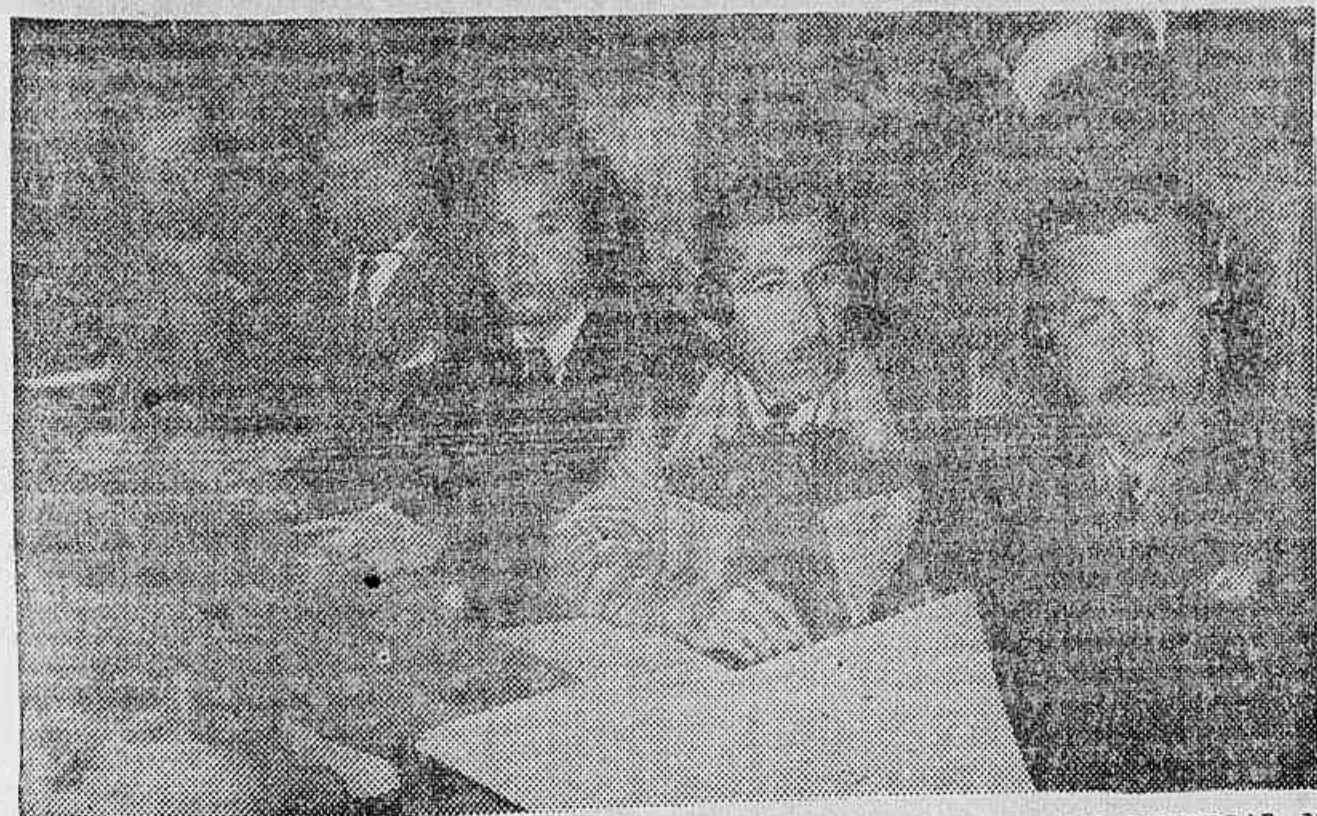
Congresso da Esperança

E por falar em América Latina, eis o que disse Vicente Mazisch, do movimento pela democratização dos sindicatos argentinos: Peron negou os passaportes aos 13 delegados eleitos. Em resposta, 31 delegados chegaram ao Congresso.

Congresso da Esperança, diz o delegdo do Congo Médio, Luiz Tati. No Congo, informa, os colonialistas franceses obrigam as mulheres a trabalhar para eles.

Os adultos ganham de 30 a 100 francos por dia mas o quilo de carne é de 150 a 300 francos e o arroz está a 50 e 60 francos. Não há férias pagas e os sindicalizados são ameaçados de despedida.

A sessão termina com a sua candente afirmação de que «apesar dos golpes dos colonialistas contra o movimento sindical, a classe operária unida vencerá e marcará para frente».



DELEGADOS LATINOS-AMERICANOS NO III CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL. NO PRIMEIRO PLANO, OS CHILENOS

A MORTE MORA NO FUNDO DAS MINAS DE MORRO VELHO

25 mil pessoas vivem a tenebrosa história da mina mais profunda do mundo — Ouro, silicose, envenenamento pelo arsênico e fome crônica — Quem trabalha no "Galo" está com um pé na sepultura — Nasce uma consciência nova e a unidade de ação na luta escreve páginas memoráveis

QUEM chega a Nova Lima, vê do alto da estrada que margeia os despenhadeiros, uma cidade de ruas tortuosas que se foram formando ao Deus dará. Logo adiante está a cidade de Raposos que, com Nova Lima, forma o feudo da «Saint John Del Rey Mining Co.». A vida de 25 mil pessoas — mineiros e suas famílias — conta a história tenebrosa da mina mais profunda do mundo, onde os ingleses consomem a vida dos trabalhadores e retiram o minério de ouro. O homem morre um pouco todos os dias pela falta de ar, pelo calor, pela silicose, que prepara o campo para a tuberculose, se não tem o trágico fim das vítimas dos desabamentos ou do «fogo falhado» das dinamites.

O número de mineiros foi muito reduzido nos últimos anos. Dos 8.000 restam apenas pouco mais de 5.000, o que asina a inensificação do ritmo de trabalho e o aumento inaudito da exploração dos mineiros em troca de um miserável salário mínimo de 1.125 cruzeiros mensais. A carestia é tão grande quanto em Belo Horizonte. Não há de existir grande diferença entre os métodos de exploração da companhia contra os operários agora e no tempo da escravatura negra. Mister Wigle

missão demitida. Numa casinha de Raposos, lá está ele com mulher e uma penca de seis filhos menores, aposentado, com graves lesões de silicose nos dois pulmões. Recebe a miséria de 1.400 cruzeiros mensais da CAP, hoje encampada pelo IAPETC. Já em 48 estava afetado e muito teve que lutar pela justa aposentadoria, tendo vivido até 1950 exclusivamente apoiado na solidariedade dos mineiros, tal como muitos dos 51 que permaneceram em Morro Velho.



Olinto Fortes, trabalha há 27 anos na mina. Está com os pulmões atacados da silicose.

é o carrasco canadense incumbido pelos acionistas londrinos de reviver o trabalho escravo, tirar o máximo rendimento possível do trabalho humano transformando em mercadoria, à qual o governo de Getúlio dá um dos preços mais baixos do mundo.

OS CINQUENTA E UM

Armando o braço assassino de seus capangas, subornando, apoiada na política antioperária do governo e o terror policial a companhia garantiu e ainda garante seus lucros fabulosos. Mas nunca os mineiros se submeteram sem luta. Faz cinco anos, surgiu uma comissão de 51 membros para a luta pelas reivindicações dos mineiros. Em outubro de 48 estourou uma greve de solidariedade a 6 feitores do engenho acusados de sabotar a produção. Após essa greve a companhia forjou um monstruoso processo administrativo, atirando à rua os 51 da comissão. A comovente história e sofrimento dos 51 e suas famílias nos foi contada pelo mineiro Ulisses Vieira, fiscal de ternos, com 25 anos de trabalho um dos membros da co-

O «PLANO CANADENSE» DE ESCRAVIZAÇÃO

Hoje estão mais claros para todos os mineiros os objetivos da monstruosa perseguição aos 51. Os opressores precisavam privar os operários de seus comandantes, que constituíam um sério obstáculo aos seus planos de exploração. Para torpedear a luta por aumento de salários, a companhia instituiu um incerto e misterioso abono sobre a produção do chamado «plano canadense». Segundo proclama os ingleses, trata-se de um abono calculado pela relação entre o volume de minério e o número de homens empregados na extração. Uma tabuleta movia diariamente o abono. Mas um dia os operários quebraram a tabuleta pois, por uma mesma tonelada e um número menor de operários, a companhia havia «calculado» um abono inferior ao da véspera. Desde esse dia o número de homens não foi mais registrado na tabuleta. Esse cálculo é um segredo dos exploradores. Já chegou a dar mais de 20 cruzeiros diários, raramente. Depois chegou a

cair abaixo de 10 e, no mais das vezes, não passa de 10 a 12 cruzeiros.

Pois mesmo esse maldito abono, instrumento de escravização dos operários e maior enriquecimento dos sanguessugas ingleses a companhia vinha pagando apenas sobre os dias úteis, não entrando no cálculo das férias e do descanso remunerado. Além disso tem um caráter discriminatório, pois não era pago ao pessoal da superfície. Essa velhacaria dos exploradores foi um dos motivos centrais da última greve em que os mineiros obtiveram uma vitória parcial.

A MORTE MORA NO FUNDO DA MINA

No primeiro contacto que tivemos com os mineiros soubermos que mais de 2.000 pessoas, entre aposentados e suas famílias, vivem com miseráveis pensões. A silicose e o arsênico arrebentaram a saúde daqueles homens. Péssima ventilação, com o ar impregnado da poeira de sílica, e um calor brutal, transmitem o fundo da mina num inferno. Nas instalações da superfície como no engenho, a silicose é também frequente. Máscaras? Quem as suportaria? Mas apesar disso, existem apenas para «inglês ver» e para exibir aos fiscais comprados pela companhia.

Os médicos da companhia e do Instituto transformados em serviais dos exploradores nunca dão um atestado verdadeiro sobre o grau de silicose dos mineiros. Raramente atestam 40, 50 ou 60% de silicose. E quando atestam 25%, qualquer exame radiográfico fora de Nova Lima revela muito mais, até 100%. E todas essas trapacas são feitas nas barbas do governo e com sua cumplicidade criminosa.

Casos escabrosos estão documentados no sindicato e pelos próprios mineiros. Por exemplo, Olinto Fortes, que só depois de muita luta conseguiu que lhe atestassem 25% de silicose. Depois de 27 anos, metido no túmulo de vivos de Morro Velho, está com «coração grande» e os pulmões afetados pela poeira infernal.

— A silicose é assim: hoje a gente parece que está bom. Amanhã está morrendo na maior aflição deste mundo — disse-nos Olinto. E o caso de Joaquim Rodrigues? Morava em Raposos. Estava numa luta dura com a Caixa, pleiteando justa aposentadoria. Numa das viagens, quando se dirigia à caixa, caiu um plena rua. Estava aposentado. Para sempre...

A UM PASSO DA SEPULTURA

Do minério, os ingleses extraem principalmente o ouro, o arsênico e o chumbo. Os resíduos são embarcados nas caçambas que transportam o minério por uma estrada aérea. Vão para o «Galo», denominação dada à seção em que se extrai o arsênico, depois de retirado

o ouro restante. Quem trabalha ali está com um pé na sepultura. O arsênico pulverizado impregna o ambiente. Inflamam-se os olhos, o nariz, a garganta e no primeiro contacto com essa seção o operário fica violentamente intoxicado. Depois o envenenamento se processa lentamente. O pó mortal atravessa as vestes e ataca as partes genitais. Depois começam a cair os cílios, as pestanas e os olhos lacrimejam frequentemente. — Você sabe daquele jeito de prender os bois furando o nariz deles e botando uma argola? Pois olha, se algum de nós comete um crime, é fácil de encontrar...

Com essas palavras o operário dilatou com os dedos as próprias narinas para para mostrar o septo perfurado pela ação do arsênico. Havia uma ironia amarga naquela comparação.

— A gente perde até o furo. O nariz fica pingando como num resfriado sem fim. Fica um gosto ruim na boca e até os ouvidos são atacados.

Quem nos contava estes fatos era o operário Joaquim Leocádio Ferreira, que a custo conseguiu transferência do «Galo». Mas onde está agora engole e respira sílica.

— A gente sai do inferno e vai prá profundas.

HA' UMA CONSCIÊNCIA NOVA

Em outros tempos era considerado crime e duramente punido, qualquer passo para a organização e a luta dos trabalhadores. Hoje os ingleses e o governo tratam de apertar ainda mais o cerco em torno dos operários. Muitos combatentes operários foram mortos a mando da companhia e da



Joaquim Leocádio Ferreira, um dos inúmeros operários vítimas do inferno que é a seção do arsênico, intoxicados pelo terrível veneno.

polícia. Faz cinco anos que tombou varado pelas balas assassinas dos mercenários da companhia, o querido líder e vereador comunista William Dias Gomes, juntamente com Ornélio de Castro. Depois foram assassinados José dos Santos (Lambari) e Moacir Roque.

Mas as lutas dos mineiros e o sangue dos mártires foram a semente de uma nova consciência. Os mineiros estão unidos dentro do seu sindicato. Uma esplêndida unidade de ação ganha corpo nas grandes greves. Sua vigilância contra a infiltração dos traidores e demagogos está mais apurada. Quem fizer demagogia, tentando jogar areia nos olhos dos mineiros será castigado. Terá o mesmo destino do indivíduo Sebastião Elevado, capacho da companhia que exerceu o infame papel de interventor do Ministério do Trabalho no Sindicato. O ministro João Goulart e seus adeptos tudo têm feito para desviar os trabalhadores do caminho da luta para entregá-los de mãos atadas aos

opressores ingleses. Mas a demagogia tem pernas curtas quando os trabalhadores se organizam nos locais de trabalho e tomam conta do sindicato que não é um instrumento para os aproveitadores políticos do falso trabalhismo do tubarão Vargas, do tubarão Goulart e outros.

Morro Velho é a mina de ouro mais profunda do mundo e uma daquelas em que são mais desumanas e revoltantes formas de exploração. Assim manda a sede de lucros máximos dos insaciáveis imperialistas. Assim aconteceu pela cumplicidade criminosa de Getúlio e seu governo de grandes fazendeiros, grandes capitalistas e agentes dos exploradores estrangeiros. Quanto mais profunda for a mina, mais funda será a cova para o regime de exploração em Morro Velho. A história do futuro está sendo escrita com as lutas dos mineiros, de toda a classe operária brasileira na sua abnegada luta contra os modernos escravizadores e o governo de opressão de Vargas.



Ulisses Vieira, chefe de numerosa família, um dos 51 demitidos em 1949, encontra-se aposentado com silicose.

Glória aos Heróis da Insurreição Nacional Libertadora de 1935!

No próximo dia 27 transcorre mais um aniversário da insurreição nacional-libertadora de 1935. Neste dia, os trabalhadores e as massas populares de nosso país dirigem o seu pensamento para as lutas gloriosas que então se realizaram, sob a direção da Aliança Nacional Libertadora, e reverenciam a memória dos heróis que tombaram lutando pela independência nacional e pelas liberdades democráticas, pela paz e por uma vida melhor para o nosso povo. A classe operária, os camponeses, a juventude brasileira, todos os patriotas e democratas que aspiram libertar a nossa terra do jugo americano e de seus lacaios do governo de Vargas voltam-se para o exemplo luminoso dos heróicos revolucionários de 1935.

O movimento nacional libertador da ANL, que culminou com a insurreição de 27 de novembro de 1935, figura destacadamente entre os acontecimentos históricos de maior importância nas lutas do povo brasileiro pela sua libertação nacional e social. Pela primeira vez na vida política de nossa pátria, o proletariado, aliado em ampla frente única a outras forças anti-imperialistas, levanta-se em arma contra os colonizadores estrangeiros e seus agentes no país, pela conquista das liberdades e de uma vida melhor e mais digna.

Esta era a resposta que davam os patriotas brasileiros, sob a orientação do Partido Comunista do Brasil e de Prestes à política liberticida e anti-nacional que o governo de Vargas levava à prática. Assinale-se, aliás, que muitos dos companheiros de Vargas mais próximos naquela época são os mesmos de hoje: Oswaldo Aranha, José Américo, Vicente Rao, Marcos de Souza Dantas, etc.

Vargas Procurava Colonizar o Brasil

Vargas entregava o Brasil de mão e pés atados à dominação imperialista. Os grandes monopólios estrangeiros — desde os alemães ou japoneses, até os americanos ou ingleses — saqueavam a nossa pátria com uma voracidade de sem precedentes. Todos os setores mais importantes da economia nacional estavam sob a dominação estrangeira. Os monopólios imperialistas não permitiam a exploração de nosso petróleo e proibiam que se instalasse no país a indústria siderúrgica. Os patriotas que lutavam pelo progresso nacional eram perseguidos e torturados pelo tirano Vargas. Na administração do país, as posições-chave se achavam em mãos de agentes declarados das potências imperialistas, agindo abertamente contra os interesses nacionais. Pesava, enfim, sobre o Brasil, a grave ameaça de ser reduzido à simples condição de colônia. Esta ameaça foi vigorosamente denunciada por Prestes, no histórico Manifesto de 5 de Julho, e que aderiu à Aliança Nacional Libertadora. Afirmava Prestes, nesse documento, que o governo de Vargas queria acabar

a venda e a escravização do país ao capital estrangeiro.

Vargas Ameaçava Fascistizar o País

Ao mesmo tempo, Vargas procurava instaurar no país uma feroz ditadura fascista. A pretexto do anti-comunismo, as liberdades eram esmagadas brutalmente. As lutas da classe operária pelos seus direitos e reivindicações, particularmente as greves, que se desenvolviam em grande número e com enorme vigor, em era reprimidas a bala, sendo assassinados pelo governo numerosos líderes operários. As prisões arbitrárias de democratas se repetiam diariamente em todo o país. Os militantes comunistas que caíam nas mãos da polícia eram torturados, sendo muitos assassinados. Os bandidos integralistas, sob a proteção da polícia, agiam covardemente como bandidos armados contra o povo.

A Constituição de 1934, que jurara defender, era sistematicamente violada por Getúlio, contando para isso com a conivência de um Parlamento de capitulação, que silenciava ante os crimes do governo e aprovava tudo quanto exigia o Catete. Assim é aprovada a «Lei de Segurança», redigida pelo nazista Vicente Rao, então Ministro da Justiça. A «Lei-monstro», como ficou sendo chamada, liquidava na prática todos os direitos dos cidadãos, dando ao governo a cobertura «legal» para praticar as mais infames violências e os crimes mais ignominiosos. Em pleno período de paz, é também decretado o «estado de guerra». Na chefia da polícia — simples agência da Gestapo de Hitler — é colocado o agente nazista, o sanguinário Felinto Muller.

Vargas tudo fazia para levar o Brasil ao fascismo, para submeter o nosso povo ao chicote da Gestapo. No Manifesto de 5 de Julho, afirmava Prestes que o governo de Getúlio visava «consolidar no Brasil a mais brutal ditadura fascista, liquidar os últimos direitos democráticos do povo».

«Arrancaí o Brasil Das garras do Imperialismo»

Aos brasileiros patriotas e democratas colocava-se, assim, o sagrado dever de não permitir que o Brasil fosse reduzido à humilhante condição de colônia, de impedir que se intaurasse em nossa terra a feroz ditadura fascista. Estes eram os objetivos fundamentais que se propunha alcançar a Aliança Nacional Libertadora. Ao lado desses objetivos, lutava a ANL contra a situação de fome e de miséria em que se encontravam as grandes massas trabalhadoras, exigindo a jornada máxima de

insurreição. Tropas do Exército e massas populares de Natal e de Recife, e os heróicos soldados do Regimento de Infantaria e da Escola de Aviação Militar no Distrito Federal, apoiados no grande movimento de massas anti-imperialista e anti-fascista, realizado em todo o país sob a bandeira da Aliança Nacional Libertadora, levantaram-se de armas nas mãos contra o governo de traição nacional de Vargas governo em marcha acelerada para o fascismo. O exemplo de patriotismo e coragem, de fidelidade ao povo e decisão revolucionária dado pelos heróis de 1935 jamais pode ser esquecido. Agliberto Vieira

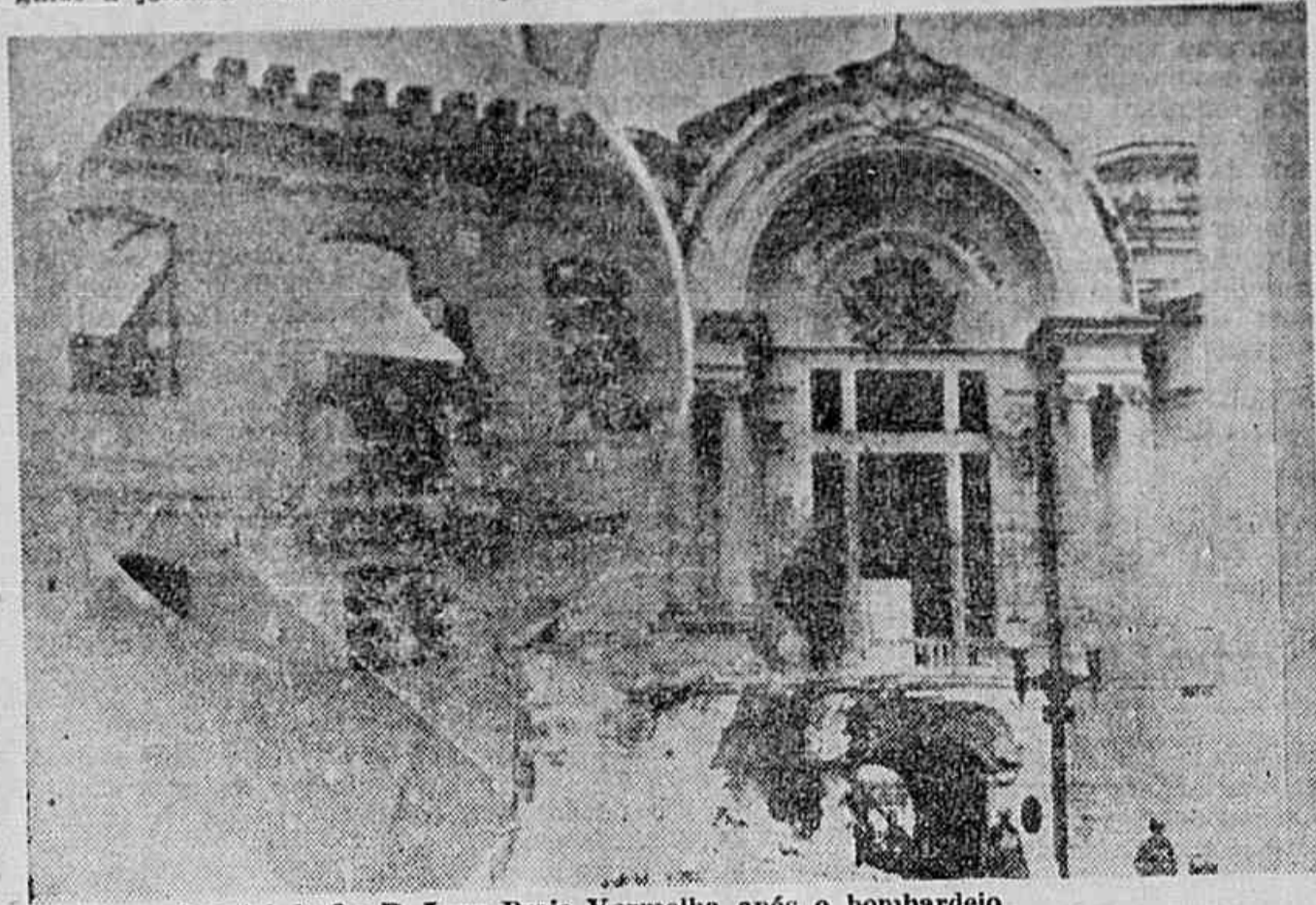
mo diz o camarada Diogenes Arruda, no co-Informe ao Pleno de Abril do Comitê Nacional do PCB, «foi fundamentalmente por falta de um Partido experimentado que fomos derrotados na insurreição nacional-libertadora de 1935».

Apesar de derrotada, a insurreição assestou um poderoso golpe na tirania de Vargas e abriu uma nova etapa na luta pela libertação nacional e social do povo brasileiro. Graças às gloriosas jornadas de 1935, fracassaram os planos sinistros da reação de levar o bando integralista ao poder e Vargas se viu impedido de arrastar o Brasil à desonra de derramar o san-

crescente dos povos que anseiam pela paz e a independência de suas pátrias. Em nosso país, milhões de brasileiros participam ativamente nas lutas pela paz e contra o imperialismo; as lutas da classe operária e das massas camponesas adquirem uma amplitude e um grau de organização até então desconhecidos; vastas camadas do povo levantam-se contra o governo anti-nacional e anti-popular de Vargas e exigem um governo realmente do povo, que liberte o Brasil da dominação americana e dê às massas paz, liberdade e bem-estar. A frente da classe operária, está o grande e poderoso Partido Comunista do Brasil, para o qual se voltam milhões de brasileiros que vêem no Partido de Prestes a sua única esperança, e se convencem de que é o PCB o partido da salvação nacional.

O governo está novamente em mãos de Vargas, o velho tirano e traidor da pátria, que encarna como antes os interesses dos piores inimigos de nosso povo. Já não pode servir a Hitler, cumpre as ordens de Eisenhower. Já não pode servir aos agiões do pacto anti-komintern, curva-se submisso ante os senhores da guerra do Pacto do Atlântico. Já não pode usar a velha e desmoralizada lei de segurança, ape-la para uma nova lei celerrada e engendra a «lei de infidelidade» Como antes, Getúlio procura transformar nossa pátria em colônia, entregando o Brasil aos seus patrões ianques, e tudo faz para implantar uma nova e sangrenta ditadura fascista. Neste caminho, aprova o «esquema Aranha», o mais infame instrumento de dominação do nosso país pelos miliardários norte-americanos.

Nas diferentes condições históricas atuais, empunhamos e levamos para diante as bandeiras desfraldadas pelos heróis de 1935 desenvolvendo, num nível mais elevado, a luta pela libertação nacional, pela paz, pelas liberdades democráticas, pelo progresso do país e por uma vida feliz para o nosso povo. Sob a direção do Partido Comunista do Brasil e do grande Prestes, a classe operária unifica as amplas forças anti-imperialistas e anti-feudais na luta comum por libertar o Brasil do jugo opressor do imperialismo norte-americano, da dominação dos latifundiários e por substituir o atual governo — de traição nacional, de guerra, fome e terror — por um governo que seja a expressão dos interesses do proletariado e das grandes massas de nosso povo.



Quartel do 3.º B. I. na Praia Vermelha após o bombardeio

8 horas, aumento de salário, garantia de salário mínimo, salário igual para trabalho igual e a instituição de um amplo sistema de seguro e previdência social. Compreendendo que estava no latifúndio e nas sobrevivências feudais no campo um dos fatores essenciais do atraso do país e da miséria das massas trabalhadoras, a ANL lutava contra as condições escravagistas e feudais do trabalho no campo e pela distribuição da terra dos latifundiários.

Sob as palavras de ordem da ANL — «Arrancaí o Brasil das garras do imperialismo e dos seus lacaios! Todos à luta pela libertação nacional do Brasil» — levantaram-se em todo o país os melhores patriotas e grandes massas de nosso povo. A frente do glorioso movimento nacional-libertador, como sua força dirigente, estava o partido do proletariado, o Partido Comunista do Brasil.

O caminho dos patriotas era a insurreição

Fiel às ordens dos seus patrões estrangeiros, Vargas intensifica o terror policial-fascista. Diante de tal situação não restava aos patriotas senão o caminho da luta armada, o caminho da

de Azevedo cuja liberdade é hoje exigida por todo o povo — foi um dos mais destacados combatentes das lutas de 1935.

Referindo-se à insurreição nacional libertadora, no discurso que pronunciou em Recife em 1945, declarou Prestes: «Se a todos nós nos roubavam as mais elementares armas da democracia, era dever nosso, de patriotas, de democratas, empunhar as verdadeiras armas e, de armas na mão, continuar lutando contra a fascistização do Brasil».

Nova etapa na luta pela libertação nacional

A gloriosa insurreição de 27 de novembro de 1935 foi derrotada. Um duro revés, embora temporário, sofreu a causa da libertação nacional e da democracia. Referindo-se às causas da derrota então sofrida, declarou Prestes: «O erro não foi o empunharmos armas. O erro estava principalmente em não estarmos à altura dos acontecimentos, em não termos conseguido ampliar a frente a União Nacional, em não termos conseguido desmascarar por completo a propaganda fascista». Isso quer dizer que os erros de 1935 refletiam, antes de tudo, as debilidades do Partido. Co-

gue de seus filhos em benefício de Hitler.

Comemoramos o 18º aniversário do movimento insurrecional de 1935 em condições históricas profundamente diferentes.

Em 1935, avançava o fascismo. Hitler assumira o poder na Alemanha e em todos os países do mundo capitalista as lutas do proletariado e das massas populares eram sufocadas sob o mais brutal terror. Em nossa pátria, o governo de Vargas, de mãos dadas com os bandidos integralistas e abrindo as portas do país à quinta coluna nazista, tudo fazia para reduzir o Brasil à condição de colônia. Faltava à classe operária um Partido Comunista poderoso e experimentado, que dominasse o marxismo-leninismo e tivesse a mais estreita ligação com as massas.

Hoje, são as forças do socialismo e da paz que crescem impetuosamente no mundo. 800 milhões de pessoas formam o invencível campo da paz, dirigido pela União Soviética. Contra o imperialismo americano, o mais feroz e o principal inimigo da humanidade, volta-se o ódio

O Povo Gaucho Toma Nas Mãos A Campanha Pró - Imprensa Popular

**ANTONIO RECCHIA,
um homem de verdade**

**ONDE A CAMPANHA É LEVADA AS
MASSAS A VITÓRIA É CERTA E A TER-
RA NATAL DE PRESTES HONRA O NO-
ME DO CAVALEIRO DA ESPERANÇA,
FUNDADOR DA IMPRENSA DA VERDA-
DE E DA PAZ**

A quinzena ajudista de recuperação encerrada dia 7 último marcou novo impulso na Campanha Pró Imprensa Popular no Rio Grande do Sul. Com a ajuda direta da Comissão Nacional, através da visita de Clotilde Prestes, a Comissão Estadual presidida pelo dr. Júlio Teixeira, resolveu instituir a Campanha de Recuperação.

Durante essa quinzena de recuperação, destacaram-se a Comissão dos Intelectuais com 103% de sua cota parcial de 15 mil cruzeiros, a Comissão Ethel Rosenberg, que superou a cota com 103,7% entregando 50 mil cruzeiros. Entre os municípios destacou-se Erechim que superou em 230% sua rota de recuperação, completando sua cota total de 30 mil cruzeiros e decidindo aumentá-la em 20%. Seguem-se os municípios, Rio Grande, Pelotas, (as duas

maiores cotas do interior), Itaqui, Encantado, Getúlio Vargas e Cachoeira do Sul. A arrecadação total no Estado até 8 do corrente é a seguinte: Porto Alegre, ... Cr\$ 378.194,00; Interior, ... Cr\$ 232.522,60. Total:..... Cr\$ 610.716,60.

Exemplos Edificantes

A campanha dos 15 milhões no R.G. o Sul é pontilhada de exemplos edificantes. Pela sua importância, destaca-se o de Pelotas, onde os portuários, reunidos em assembléia e atendendo ao apelo de um de seus companheiros, decidiram contribuir com 10 cruzeiros cada um para os jornais da verdade e da paz. All mesmo e depois nos locais de trabalho esta contribuição atingiu a 3.000 cruzeiros. A Associação decidiu ainda levar avante a campanha transformando-a



Aspecto da festa no campo do G. E. Gerdal em Porto Alegre

em jornada oficial da organização dos portuários pelotenses. Em Pelotas foi notável a colaboração dos artistas que participaram do grande festival do Teatro Avenida, destacando-se «Barreto Pinto» e sua trupe, Joel Pintado e sua trupe, o tenor José Amaro e outros talentosos artistas populares.

Em Porto Alegre, a quinzena de recuperação foi coroada por uma festa num campo de futebol, precedida de intensa propaganda através de caminhões com alto-falantes, ornamentados e com faixas alusivas à campanha.

Outras iniciativas vitoriosas estimulam a campanha. A comissão de Santiago já atingiu 81% de sua cota, inclusive com a adesão de pequenos criadores que doaram 10 novilhos para um sorteio popular. Em Rio Grande os membros da Comissão Municipal deram o exemplo resolvendo elevar para 10 mil a sua cota de 6 mil cruzeiros, depois que o Recchia ultrapassou essa quantia tornando-se o campeão do ajudismo naquela cidade. A Comissão dos Comerciantes da Capital já cobriu sua cota através de contribuições financeiras e doações que têm sido utilizadas como prêmio aos campeões, etc.

É comovente o exemplo do operário têxtil Lourival Silveira que, despedido da fábrica Renner e sendo indenizado, doou 20 mil cruzeiros à campanha. A Campanha do Dia de Salário para a Imprensa de Prestes assinala também gestos magníficos como o do aposentado Antonio Aquilino que, mesmo doente e com baixa pensão, doou 50 cruzeiros para a campanha. Finalmente citemos o exemplo daqueles que, não dispondo de pronto de dinheiro para contribuir, adquirem através de crediários objetos de valor nunca inferior a 400 cruzeiros, doando-os à campanha.

Quando os ladrões brigam, sempre aparece alguma verdade. De parte a parte os escribas da reação e esfomeadores de jornalistas e gráficos, achacadores de cartola e agentes do imperialismo mostram o que está por trás dos seus vastos e coloridos jornais. Lutam pela parte do leão na gamela do Banco do Brasil e da embaixada americana. Eis o que se pode afirmar na base das denúncias que já surgiram, inclusive pelo depoimento autorizado como o do coronel Ary Maurell Lobo.

Diante de toda essa enxurrada de corrupção, eleva-se mais e mais o prestígio da imprensa popular, a imprensa da verdade e da paz que se mantém única e exclusivamente à base da solidariedade e da ajuda financeira do povo. A grandeza moral dos jornais da imprensa popular que os bandidos da propaganda e da polícia de Vargas atacam furiosamente, se agiganta aos olhos dos homens simples, de todas as pessoas honestas que aspiram à paz e à libertação do Brasil das garras do imperialismo e seus agentes.

FICHA DE CHATÔ NO F. B. I

**“Por dinheiro faz
qualquer campanha”**

NA ficha de Assis Chateaubriand, dos arquivos do F. B. I. («Federal Bureau of Investigation» — polícia americana), existe a seguinte anotação: «É PESSOAL QUE PODE SER UTILIZADA, COM DINHEIRO, PARA QUALQUER CAMPANHA»

Eis a revelação do coronel Ary Maurell Lobo que teve acesso aos arquivos da polícia americana e do «Army Industrial College», organização a que esteve ligado durante a guerra, a qual supervisiona os serviços de espionagem e orienta as atividades de todas as entidades oficiais e dos trustes nos Estados Unidos.

Em seu sensacional depoimento perante a Comissão de Inquérito da Câmara dos rumores e escândalo de «Última Hora» e o resumo da imprensa «sadia», Deputados que investiga o adiantado o coronel Maurell Lobo que aquela organização tanque possuía um levantamento financeiro da situação de todos os jornais brasileiros que circulavam na época e uma apreciação sobre o caráter de seus diretores e a orientação que seguiam. Possuía e continua possuindo, acrescentemos.

Em relação ao picareta Chatô, disse mais o cel. Maurell Lobo que ele recebe 600 contos por mês em paga de seus artigos anti-comunistas quantia essa paga pelo SESI que depois é reembolsado pelos Estados Unidos. Ora, sendo um traço característico de todos os jornais da imprensa «sadia» a campanha permanente de calúnias e provocações anti-

NO dia 2 de maio de 1904 as páginas da Imprensa de aluguel do Rio Grande do Sul noticiavam a chacina de Rio Grande, mal escondendo o monstruoso crime do governo das classes exploradoras representadas na época por Dutra e Valter Jobim. A demonstração de mais de 2.000 operários da cidade de Rio Grande em defesa da paz e dos direitos do proletariado pela legalidade de suas organizações e a reabertura da Sociedade União Operária fechada pela ditadura e que completava 56 anos de sua fundação, despertou o ódio irracional do governo. Por ordem de Dutra e Jobim, que atendiam exigências dos americanos do frigorífico Swift o delegado Evaldo Miranda, um alcoólatra e degenerado ordenou o massacre. Foram assassinados a operária Angelina Gonçalves, que morreu abraçada à bandeira nacional, e os operários Euclides Pinto, Oswaldino Correia e Honório Porto. Apesar de desarmados os trabalhadores lutaram com heroísmo e na refrega, enquanto se batia bravamente, Antônio Recchia, vereador comunista, líder portuário, recebeu um tiro na espinha. Os bandidos não conseguiram completar seu plano tenebroso — Antônio Recchia não morreu.



Antônio Recchia

emoção eletrizou a grande massa. Uma indescritível massa. Muitos ouviam suas palavras inflamadas de ardor proletário, com os olhos úmidos. O lema de luta por um governo democrático e popular, gravado numa faixa do palanque encarnava-se naquele homem animado da moral nova, a moral proletária, comunista, que subordina tudo à construção de um mundo melhor, livre das cadeias da exploração capitalista.

A inesgotável energia de Recchia, tirada de sua confiança na classe operária e no Partido de Prestes, faz desse autêntico líder de massas um exemplo de modestia e de combatividade. Em casa ou na rua, em sua cadeira de rodas, ele é um campeão da luta pela supremacia da verdade e da paz. Sem medir sacrifícios, esquecido de si mesmo, valorizando as pequeninas tarefas do dia a dia, Recchia conseguiu tornar-se o campeão da difusão da VOZ OPERÁRIA, recebendo o prêmio da Sucursal de Porto Alegre, conseguiu tornar-se um esteio da Campanha dos 15 Milhões Pró Imprensa Popular.

Porisso, volta-se para ele a solidariedade popular queza de um homem de valor nele um de seus mais valiosos patrimônios. Recentemente a assembléia dos metalúrgicos de Caxias do Sul, enviou-lhe expressiva mensagem de aniversário com centenas de assinaturas. A campanha por uma nova casa para Recchia ganha vulto em todo o Estado. A Sucursal da VOZ OPERÁRIA participa dessa campanha em favor do seu melhor agente no interior. Assim é Antônio Recchia.

Assim é o povo. Recchia, um homem de verdade. O povo, um povo invencível, não para se forjar homens de fêmpera de Recchia, digno filho do proletariado gaúcho, valoroso soldado de Prestes.

A Vitória Está Nas Mãos do Povo

Os fatos comprovam a justiça da orientação dada à campanha pela Comissão Nacional e a Comissão Estadual de levar a campanha às massas para assegurar sua vitória. Ali onde as comissões projetaram a Campanha, entregando-a nas mãos do povo, através de grandes festas, comandos, festivais, comícios, bandos precatórios de porta em porta — a campanha assinalou os melhores resultados. As portas das fábricas, os bairros operários, as ruas de maior concentração popular, são o endereço certo da campanha. Com que simplicidade e solicitude colaboram os artistas populares com a campanha, como é o caso dos radialistas e conjuntos amadores! Veja-se por exemplo, aquele conjunto musical dos trabalhadores da vila pobre de Santa Luzia e os artistas de Pelotas.

E os comandos falados, verdadeiros comícios semeados por toda a cidade, constituem uma rica experiência. Com a TRIBUNA e a VOZ OPERÁRIA como bandeira, os ajudistas obtiveram a calorosa acolhida popular. Os jornalistas anotavam as reivindicações populares expressas ao microfone pelos trabalhadores que protestavam contra a demagogia de Getúlio as filas e a carne congelada.

A Comissão Estadual Pró Imprensa Popular já elaborou nova planificação à base das experiências da campanha no Rio Grande do Sul e em todo o país. A terra natal do grande Prestes cumpre com honra o compromisso de arrecadar um milhão e quinhentos mil cruzeiros até o fim do mês, se a campanha, entregue às mãos do povo trabalhador, entrar decididamente no caminho indicado pela Comissão Estadual.

**Se Você Ainda Não Contribuiu
Para a Imprensa Popular,**

FAÇA-O, HOJE MESMO, ENVIANDO SUA CONTRIBUIÇÃO POR INTERMÉDIO DA «VOZ OPERÁRIA», AVENIDA RIO BRANCO, 257 — 17.º ANDAR, SALA 1712 — RIO

Ajude a reaparelhar a imprensa da verdade e da paz